

The most beautiful things in life **come at a price...**



METAMORPHOSIS

A MACHIAVELLIAN SHORT STORY

BELLA DI CORTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

The most beautiful things in life come at a price...



METAMORPHOSIS

A MACHIAVELLIAN SHORT STORY

BELLA DI CORTE

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Dizem que as coisas mais bonitas da vida têm um preço - e esse preço não tem nada a ver com dinheiro.

Eu deveria saber. Aos 21 anos, a vida me tributou além do que podia pagar.

Então, quando um dos homens mais esquivos e perigosos de Nova York, Capo Machiavellian, veio até mim com um acordo, era um negócio bom demais para eu recusar. E não era só sobre a segurança que me oferecia também. Havia algo naqueles olhos azuis elétricos que me fez querer pular, sem colete salva-vidas.

Águas esmeraldas tempestuosas ou mar azul claro - não tinha ideia do que me esperava do outro lado.

Sempre admirei as coisas que tiveram que lutar para se tornarem bonitas. Meu nome, Mariposa - o nome que ele me deu - significava borboleta. Poderia muito bem significar uma luta pela mudança. Porque desde que conheci Capo, me senti presa em meu casulo como nunca antes. E em nossa lua de mel... quis saber como seria ganhar minhas asas e voar.

INTRODUÇÃO

Caro leitor,

Metamorfose é um conto maquiavélico. Ocorre após o casamento de Capo e Mari. Para obter a história completa, confira *Machiavellian*, o primeiro livro da série *Gangsters of New York*. Tentei escrever “Meta” o mais livre possível de spoilers.

Além disso, o elenco de *The Fausti Family* (Rocco, Rosaria e Captain) faz aparições neste livro.

Espero que goste de ler sobre esse momento especial na vida de Capo e Mari tanto quanto gostei de escrevê-lo. Adoro passar tempo com eles e adoro o seu mundo. Espero que você também.

Muito amor,

Bella

PRÓLOGO



MARI

As etapas de como uma borboleta se torna uma borboleta parecem tão simples:

1. O ovo
2. A larva (lagarta)
3. A pupa (crisálida)
4. A borboleta adulta

Como é fácil listar cada etapa, mas depois pular para a transformação, especialmente porque é mantida em segredo até a revelação. Vemos a borboleta voando de um lugar para outro, simpatizando com sua luta, mas sem senti-la verdadeiramente. Admiramos o resultado, mas não a fase feia que ajudou a transformá-la em quem se torna - uma beleza alada que representa vida, renascimento, mudança e... amor.

Sempre senti as fases da minha própria metamorfose. De ter tudo - uma mãe que me amava - a ficar órfã. De ter um lar seguro a conhecer apenas a miséria. De desejar muito mais do que tinha a ter esse desejo realizado antes da vida me manter refém como uma crisálida para sempre.

Tudo isso aos vinte e um anos.

Cada uma das minhas fases foi feia, a beleza nos momentos fugazes uma amostra do que sempre esperei. Acima de tudo, sabia que havia apenas uma coisa que iniciaria a transformação da minha vida.

Amor.

Eu ansiava por isso como ansiava por água limpa, comida nutritiva, uma boa noite de sono.

E esse amor me atingiu como uma tempestade. Destruíu cada pedaço de mim que juntei às pressas, pedaços que nem sempre pareciam estar no lugar certo.

E agora?

Depois daquele primeiro impacto devastador, o sentimento, a sensação, começou nas batidas do meu coração e depois se espalhou pelas minhas veias... meu peito, minhas mãos, meus braços, meu estômago, descendo pelas minhas pernas e até os meus pés.

O amor não foi uma coisa fácil para mim, mas uma luta que iniciou a transformação da minha vida.

Só esperava que o homem com quem jurei passar minha vida ficasse maravilhado com minhas asas, em vez de arrancá-las depois que as ganhei.



MARI

Meu coração parecia tão instável quanto meus pés. Não era apenas a água abaixo de mim que também me fazia sentir assim.

Era o homem ao meu lado, *meu marido*, que me fez sentir as borboletas na barriga, fazendo meu coração parecer que tinha asas. Sabia que ele estava metido em alguma merda ruim, mas nunca pensei que pudesse roubar a cor da água e usá-la como a cor dos seus olhos.

Como se pudesse ler minha mente, balançou a cabeça, e o mais leve dos sorrisos apareceu em sua boca. Ele me achou... interessante, como uma nova espécie de inseto que descobriu e decidiu manter. Decidi também ficar com ele, esse lobo grande e mau com quem me casei e a quem jurei minha vida.

Em certo sentido, nosso casamento não foi tradicional, mas em outro, foi. Os italianos às vezes arranjavam casamentos. Os detalhes em torno do nosso foram um pouco diferentes, mas, em sua essência, foram baseados nos mesmos princípios de qualquer arranjo normal.

Os pormenores me fizeram sentir segura, enraizada. Nós dois sabíamos o que esperar e juramos manter os termos. Amor não sendo um deles. Depois que fiquei diante de uma igreja cheia de gente e selei aqueles votos com um beijo, e após transarmos, algo dentro de mim mudou. Uma parte vulnerável de mim foi atingida, estilhaçada, e todos os pedaços flutuaram em um espaço sem nome, tentando descobrir onde se acomodar.

Era normal *não* ter dito ao seu marido que o amava? Nem uma vez?

Sim, para meu marido, o amor não era uma opção, e estava

ficando cada vez mais consciente de que o sentimento - ou a realidade? - havia invadido minha vida. Não tinha certeza se era o tipo de coisa que desaparecia. Parecia permanente, como uma alma.

Virei meu rosto de volta para a água, não querendo que ele visse. Porque ele não perdia nada com aqueles olhos, um azul elétrico que se destacava contra a pele lisa e bronzeada e o cabelo preto sedoso. Parecia uma tempestade sobre a água enquanto eu estava nela.

Minha respiração veio rápida, muito rápida, e inspirei profundamente o ar fresco, depois soltei lentamente, apreciando a suavidade de como vinha e partia. Mesmo que meus sentimentos estivessem em todo lugar e fortes, era o que havia entre nós. Conforme o ar se movia dentro de mim, também me sentia, e eu o liberava quando podia. No momento, direcionaria meus pensamentos para outro caminho.

Estávamos na Grécia.

Grécia!

Em um iate, flutuando acima da água como um brinquedo em um paraíso infinito de azul. Nenhuma direção verdadeira, mas onde o dia ou a noite nos trouxe. Talvez o capitão tivesse um itinerário, mas ninguém me disse, e eu queria que continuasse assim.

Parecia quase mágico adormecer em um lugar e acordar em outro. Tínhamos começado em *Cala Gonone*, uma cidade da Sardenha, e quando meus olhos se abriram depois de tantas horas de sono que perdi a conta, estávamos em um porto em algum lugar da Grécia.

Quando Capo me contou onde estávamos, demorou um minuto para que a notícia assentasse. Assim que assentou, encontrei a varanda e, ainda de pijama de seda, contemplei a vista. Parecia irreal para mim.

Não apenas a vista - toda a minha vida.

De mergulho em lixeiras a... isso.

Então meus olhos encontraram o homem ao meu lado, e entre

ele e a vista, quase me parecia mais irreal. Tive a sensação de que havia lido *Journey*, o diário que eu guardava com todos os desejos do meu coração, e estava realizando todos eles.

A Grécia estava na minha lista e ele me trouxe aqui para nossa lua de mel.

Limpei a garganta e desviei os olhos dos dele. Tudo o que conseguia pensar era... *a cor da água nem se compara à dele, ou o quanto seus olhos me enervam quando me olha daquele jeito*. Como se estivesse determinado a ver todos os lugares onde escondi meus segredos. Para um homem como ele, um homem que sempre conseguiu o que queria, quase parecia um desafio encontrá-los.

— Quanto tempo podemos ficar? — Perguntei.

Apesar de mim mesma, depois que ele não respondeu, me virei e encontrei seus olhos novamente.

Uma de suas sobrancelhas levantou. — Já está pensando no final?

— Não. — Balancei minha cabeça. — Preparando-me para o inevitável.

Ele riu, um som gutural no fundo de sua garganta. Segurei o impulso de estender a mão e tocar seu pescoço, onde uma linha branca irregular marcava sua pele. Às vezes, quando suas reações a mim o surpreendiam, sua risada soava como papel sendo arrancado de um caderno, ou talvez simplesmente não tenha rido muito antes de mim e, quando ria, soava cru.

— Nunca se pode preparar para isso, Mariposa — disse. — É por isso que é importante viver o hoje.

— Ah — disse, sorrindo. — Estou vivendo. Isso. Apenas estar aqui. — Respirei fundo o ar quente e salgado e o soltei com um empurrão lento, hesitante em devolvê-lo. Algo sobre isso já estava me curando. Como nosso tempo na Sicília. — Isso me parece a vida.

— Seus pés ainda estão no *barco* — disse.

Eu o chamei de *barco* quando o vi pela primeira vez, mas era muito chique para esse termo simples. Era uma mansão flutuante, na minha opinião, ou como Capo o chamou, um *iate*.

Aphrodite era o seu nome, e me lembrava um golfinho corpulento. A frente chegava a um ponto, como um nariz ou bico comprido, depois se alargava para abranger sete conveses, incluindo dois helideques (um termo usado por Capo) e um hangar abaixo do convés. O topo me lembrava uma barbatana. Tinha até uma sala de observação subaquática, que era muito legal. O capitão mencionou no passeio que o iate poderia acomodar 28 convidados e tinha uma tripulação de 56 pessoas. Parecia mencioná-lo apenas para meu benefício, porque eu tinha certeza de que Capo conhecia as estatísticas sobre isso. Como a família Fausti era dona do barco ou pedia um favor, fazia sentido que fosse tão elegante quanto era. Até hasteou uma bandeira italiana.

Eu mexi os dedos dos pés. — Sei onde estão meus pés — disse. — Estão basicamente flutuando acima desta água com o *iate*. Na Grécia!

Ele sorriu e meu coração mergulhou em meu estômago, seguindo o movimento do oceano. — Estar aqui a agrada.

— Agrada-me. — Mal consegui pronunciar as palavras depois que a palavra “agrada” rolou sensualmente de seus lábios. O que aqueles lábios poderiam fazer comigo... — Sim — sussurrei, então elevei minha voz. — Mas “agradar” é uma palavra fraca para descrever como me sinto agora. Sobre estar aqui.

...com você. As duas últimas palavras não ditas eram simples, mas não tinha ideia de quanto me custaria em termos de gasto emocional se as adicionasse. Embora parecesse que algo havia mudado entre nós depois do que aconteceu com *Nonno*, seu avô, ainda não tinha ideia do que faria se descobrisse como eu me sentia. Era tão incerto quanto o que estava sob meus pés. Talvez um monte de tesouros, ou talvez um bando de monstros que também não queria enfrentar.

— Vista-se, Mariposa — disse. — Viver significa sujar-se. E neste momento, está limpa demais.

Depois de dar alguns passos para longe dele, endireitei meus dedos, coloquei-os na frente do meu rosto e fiz um *clique* quando a visão que nunca queria esquecer estava perfeitamente enquadrada.

Meu marido, sem camisa, olhando o mar.



MARI

A primeira coisa que Capo fez depois que o barco nos trouxe para a terra foi me comprar uma câmera chique. Ele me disse que era inaceitável eu fazer um barulho *de clique* quando tirava uma foto mental. Se eu quisesse uma câmera, compraria uma câmera.

Depois que o homem da loja a conectou e a carregou por um tempo, levei duas horas para descobrir como funcionava, e então me tornei imparável.

Estávamos apenas em nossa primeira parada em uma viagem náutica sabe-se lá quanto tempo, e devo ter tirado mais de cem fotos. A vista era de tirar o fôlego. Nunca tinha visto água tão clara em minha vida, exceto na Sicília. Azuis e verdes me lembravam pedras preciosas derretidas em um mar de cristal. As praias eram brilhantes, a areia de um bronzeado claro. As montanhas que se elevavam ao longe só pareciam aumentar a beleza e, em algumas áreas, davam à ilha uma atmosfera isolada.

Era como se estivéssemos em nossa pequena e antiga bolha do paraíso.

O sol estava implacável e o tempo estava quente. Até a brisa era morna. E o cheiro? Inspirei profundamente, desejando poder manter o frescor para sempre em meus pulmões.

Paraíso. Puro paraíso.

Decidi usar um maiô azul-petróleo, short curto e sandálias para poder absorver o máximo possível. Queria sentir isso no fundo dos meus ossos. Eu o levaria comigo de volta para Nova York no inverno.

Mantive a câmera perto do coração, a alça em volta do pescoço, enquanto caminhávamos até um mosteiro na encosta de um penhasco, o mar silenciosamente abaixo. Alguém teria que quebrar meu pescoço por ela se decidisse que queria muito.

Não havia ninguém por perto, mas ainda olhei, só para verificar.

— Por que está sorrindo? — Olhei para Capo por baixo do chapéu de praia que me comprou. O sol estava forte e o chapéu protegia um pouco meus olhos, junto com um par de óculos que comprei no mesmo mercado.

— Acha que alguém pulará de um arbusto e roubará sua câmera?

Acenei com a mão. — Acontece o tempo todo em Nova York. Sabe quantas vezes minha bolsa quase foi roubada?

— Quantas? — Perguntou depois que não continuei, estreitando os olhos para mim.

— Essa foi uma pergunta meio retórica, Capo.

— O que lhe disse antes? É ou não é. Apague *mais ou menos* do seu vocabulário, Mariposa, quando se trata de mim.

— E quanto a todos os outros?

— Fodam-se todos.

Muito bem então. — É uma pergunta retórica — disse, enfatizando o é.

Ele assentiu com toda a seriedade. — Quantas vezes?

— Oh. — Levei apenas alguns segundos para mudar de marcha e mudar a direção dos meus pensamentos. O mosteiro estava próximo, e meus pés estavam apressados para chegar até lá, minha mente já estava lá. — Não contei, mas digamos que foi um monte.

— Lutou contra eles por isso.

Levei um segundo para responder. Não gostei do tom de sua voz quando disse isso, como se pudesse voltar e lutar por mim. Pela

história recente, sabia que isso era verdade. Isso me fez sentir volúvel, como se pudesse correr e depois pular deste penhasco, planando, mas, de outra forma, trouxe de volta memórias de coisas que é melhor deixar na escuridão, me pesando.

— Ainda tenho minha bolsa — disse, puxando as alças em demonstração, e me afastei um pouco dele para entrar no mosteiro.

A estrada rudimentar bem acima do mar se desvanecia em pedras caiadas de branco. Todos os pinheiros, oliveiras e vegetação para os quais não tinha nome se abriam para uma estrutura dourada pálida com uma porta oval. O mosteiro em si não parecia tão velho por fora, mas por dentro parecia quase antigo.

Meus dedos percorreram as diferentes texturas - rocha, pedra, metais e tapeçarias de tecido - e meus olhos observaram as inúmeras imagens religiosas que cobriam as paredes. Antes de irmos, Capo me deu a liberdade de escolher para onde iríamos primeiro. Depois de falar com o cara da câmera, decidi vir aqui. Não era tão longe, queria andar e me sujar, como o Capo havia dito, e nunca tinha ido a um mosteiro antes. Um mergulho na água depois de terminar seria um bom encontro.

Nós dois ficamos quietos enquanto olhava ao redor. *Eu*, não *nós*. Observei cada fenda e centímetro, parando para ler sobre a história do lugar - ninguém sabia realmente quando o mosteiro havia sido fundado, mas a primeira evidência foi em 1892 - enquanto Capo olhava para mim.

Era um olhar que realmente não tinha visto em seu rosto antes. Talvez estivesse relembrando silenciosamente, ou talvez estivesse tentando descobrir algo. Eu não tinha certeza, mas quando saímos do outro lado, um belo pátio com varanda aberta para o céu e o mar, respirei mais aliviada, mesmo que estivesse tranquilo lá dentro.

Era um homem difícil de entender, em termos de sentimentos, e esperava para sempre me ajudar a aprender mais sobre suas expressões e o que significavam. Tanto quanto poderia dizer, porém, ele raramente mostrava qualquer emoção para o mundo exterior.

Achei que isso nunca mudaria - era muito endurecido - mas depois de *Nonno...* algo mudou. Tinha a ver comigo. Não nos conhecíamos há muito tempo, nem estávamos casados há mais de um mês, mas sentia. Ele estava mais aberto comigo, mas mesmo assim, não o suficiente.

Talvez eu também precisasse ser mais aberta com ele.

No momento em que tirou os olhos de mim para olhar para fora, seus olhos refletindo a água abaixo, senti e olhei para ele. Levantei a câmera e a pressionei contra o olho, esperando que a foto fosse capaz de capturá-lo - a intensidade que parecia natural para ele, mas também aquele mesmo olhar interior que não me dava pistas de seus sentimentos. Baixei a câmera e peguei meu telefone, tirando outra.

Ele olhou para mim e fez uma careta. Capturei essa também com meu telefone.

— O quê? — Disse, sorrindo para ele, mas falando com ele. — Você me comprou a câmera - e o telefone. Usarei os dois para capturar toda essa experiência.

— O cenário — disse.

— Essa não é a única experiência — disse, então olhei nos seus olhos. — *Você*. Você também é uma experiência.

As palavras escaparam e, no momento, realmente não me importei com isso. Uma onda de algo parecido com o mar subiu e trouxe as palavras à superfície da minha boca, mas assim que disse isso, baixei os olhos novamente, colocando o telefone de volta na minha mochila, incapaz de segurar seu olhar.

Eu o senti se aproximando de mim, mas não me mexi, mexendo no zíper do bolso da frente. Seu dedo indicador veio por baixo do meu queixo e o levantou, me forçando a olhar para ele ou para qualquer outro lugar. Se eu desviasse o olhar, ele pensaria que estava me acovardando - a vida incluía muito mais do que aventura, não é? Porque naquele momento, olhando em seus olhos à medida que o sol começava a suavizar o mundo ao nosso redor, ele parecia a maior aventura que alguma vez teria.

Estar com ele era como tocar a vida. Tendo em minhas mãos.
Meu.

— A borboleta e o lobo. — Ele sorriu. — Você pertence a mim.

Um arrepio me fez tremer, e arrepios subiram em meus braços. O vento não havia mudado e a temperatura não havia baixado. Era o poder em sua voz, e não precisei adivinhar o significado por trás das palavras. A ameaça era tão clara quanto as ondas abaixo de nós. Pertencer a ele não era uma questão simples. Isso significava que faria mal a qualquer um que tentasse me machucar. Provou isso.

— Ainda está pensando sobre o que eu disse antes — sussurrei.
— Sobre a minha bolsa?

Ele assentiu. — Nunca esquecerei isso. Alguém a machuca, também me machucam.

Suspirei e peguei sua mão, segurando-a enquanto me virava em direção ao mar. Algo dentro de mim estava mudando, e mesmo que meu coração corresse com sangue quente com suas palavras, também doía. Doeu porque não estava acostumada a confiar em ninguém, mas sem perceber, havia confiança entre nós.

Minha garganta estava apertada e balancei a cabeça, tentando desalojar a pressão. Capo segurou minha mão com mais força e me levou de volta para a trilha. Ao nos aproximarmos do caminho para a praia, resolvi tirar uma foto da cena antes de entrarmos nela. Numerosos guarda-sóis de cores vivas estavam presos na areia, toalhas colocadas embaixo de alguns deles, e rochas e pedregulhos quase os cercavam, seguidos pelo mar de frente. Tinha até um pequeno prédio para relaxamento.

Tirei algumas fotos, tentando ser toda artística, mas, enquanto as examinava, parei. Estreitando os olhos, tentei focar melhor os detalhes. Então percebi... eu poderia aumentar o zoom. Afastei a câmera do meu rosto, depois a aproximei, para ter certeza de que o que via era o que *eu* via.

Foda-me, era.

Minha reação chamou a atenção de Capo.

— Pegou um tubarão?

— Não... exatamente.

Levantando um pouco a câmera, virei-a para que pudesse ver a tela.

— Praia de nudismo — disse.

Ele disse isso tão casualmente, mas a imagem do cara nu na minha câmera me fez torcer o nariz. *Estava* um pouco enrugado, *todo*. Pena que o sol não era como um ferro e o ajudou um pouco. Apaguei.

— Cada um na sua, mas isso não seria um pouco arriscado? — Disse. — Quero dizer, é... — fiz um gesto para sua virilha — ...como isca de peixe pendurada?

— Não como uma *oonie* — disse.

Uma ou duas batidas se passaram entre nós, e então ambos caímos na gargalhada.

— Por que não me contou! — Disse quando consegui respirar.

— Esta é a minha primeira vez em terra — disse. — Nunca viajei por prazer antes.

Sempre que usava essa palavra, *prazer*, minha barriga se contraía em antecipação. Era tão porra sensual vindo de sua boca.

— Você escolhe coisas para fazermos, e eu também — continuou. — Esta foi a sua escolha.

Claro, um detalhe do nosso acordo.

— Tudo bem. — Suspirei. Dei uma olhada rápida na praia. — Como se sente sobre... nudez?

Ele sorriu, mas não foi amigável. — Quer ficar nua.

Não soou como uma pergunta, mas respondi como se fosse uma.

— Não — disse, e quis dizer isso. — Aqui não — acrescentei. Porque estar nua em uma praia isolada com ele... isso poderia gostar.

Ele disse que viver significava se sujar. A areia cobriria um monte de fendas.

— Resposta certa — disse enquanto pegava minha mão e me levava de volta para onde havia estacionado a Vespa. Era mais fácil manobrar nas ruas estreitas e sinuosas. — Você pertence a mim — disse em italiano desta vez, e sem dúvida um aviso nadou sob a superfície de suas palavras.



MARI

Com meus gostos e desgostos alimentares, estava começando a testar os limites do meu lado aventureiro - ou descobrir se tinha um.

A maior aventura que já tive foi Nova York - me mantendo viva. Não tive tempo de me conhecer. O que gostei. O que não. Quem eu era no fundo. Minha superfície tornou-se endurecida aos elementos. Meu escudo de batalha estava gasto e com cortes.

Depois que encontrei Capo, ele me deu o presente do tempo. A liberdade de descobrir quem eu era.

O que pensei quando pisei pela primeira vez em solo italiano?

Nova York se tornou um campo de batalha ao qual sobrevivi por muito tempo. Cada som era um grito de guerra. Cada temporada dava motivos para correr e me esconder, algum elemento desconhecido vindo em minha direção. Cada cheiro era sangrento. Cada visão era alguém lutando para viver.

Itália, Itália, era a terra prometida após a longa e cansativa luta.

O tema continuava na Grécia, e quanto mais ficava longe de tudo, mais sentia minha casca começando a amolecer. Mudar.

Era patético que, aos 21 anos, não tivesse ideia se gostava mais de carne ou frutos do mar? (Ainda estava decidindo.) Ou se preferia ficar no iate e observar o que a natureza tinha a oferecer em termos de cenário, ou pular de um penhasco e deslizar para baixo?

Tentei não pensar muito nas circunstâncias da minha vida, porque havia algo que não havia percebido antes. É fácil para as memórias de tempos difíceis voltarem nos bons, mas é tão difícil

lembrar dos bons momentos nos maus. Talvez porque assim que tive a chance de respirar, ainda estava olhando por cima do ombro, esperando que meus sapatos velhos me desacelerassem enquanto a vida me esmagava como um inseto insignificante.

Era como ter zero e depois ter um milhão em um piscar de olhos. Não tive nenhum problema com dinheiro, ou Capo gastando o dele comigo, mas era um ajuste. Continuava tendo que me lembrar de que tinha todas as coisas de que precisava. Água. Comida. Abrigo. A vida correria bem.

Mesmo durante os momentos mais difíceis, nunca disse isso a mim mesma para me sentir melhor. Apenas... fiz o que tinha que ser feito e continuei. Como diabos deveria saber se tudo daria certo? Era um pensamento agradável, mas no meio de um campo de batalha, tudo que conseguia pensar eram estratégias, próximos movimentos e manter não apenas minha carne intacta, mas minha alma.

Olhando para o homem ao meu lado, ao volante do barco, me perguntei como conseguiu sobreviver a tudo isso. Como saiu do outro lado sendo *ele*. Ele tinha sua merda em ordem, mesmo que pudesse ver o padrão de mosaico de seu estilhaço – como se tivesse reconstruído como uma cena em uma igreja, linhas de chumbo, como correntes prateadas de sangue endurecido, delineando suas bordas.

O que me diria se eu perguntasse a ele? Não sobre consertar sua própria vida, mas a minha.

Concentre-se no que as lutas lhe ensinaram - quem se tornou por causa de suas lutas. Mantenha o passado fechado como um inimigo, mas não permita que ele o controle. Mantenha o hoje aberto para o que está por vir. E o futuro - deixe-o lá. Ninguém pode prever isso. Só podemos viver cada dia.

Sim, podia ouvi-lo dizer isso. Talvez não soubesse se gostava mais de bife ou frutos do mar, ou o quão aventureira eu era, mas o que sabia era o seguinte: eu era uma maldita sobrevivente. Poderia cuidar de mim mesma, e antes, mesmo que tivesse saído da guerra da minha vida com cicatrizes.

O barco pareceu afundar e balancei, instintivamente segurando o ombro de Capo para me manter firme. Ele olhou para mim com o canto do olho, e pensei em tirar minha mão depois de nos firmarmos, mas decidi não fazer isso. Sua pele estava quente do sol implacável, e mesmo com o vento batendo contra nossos corpos, podia sentir o seu cheiro no ar. Era inebriante.

Ele se inclinou sobre e beijou meus dedos. Sorriu um pouco depois de desviar o olhar, mas não apenas porque seus lábios estavam quentes contra a minha pele.

Antes de partirmos para a Sicília, comprei para ele um boné com uma imagem de cores italianas dentro do gesto da mão chamado de *finger purse* - os dedos e o polegar de uma mão juntos, apontando para cima, fazendo a mão parecer um saco de moedas amarradas no topo. Ele o tinha virado para trás e estava sem camisa no leme do barco rápido que deve ter alugado ou providenciado para que pegássemos. Raramente parecia tão casual, tão relaxado, e isso fazia com que o sorriso permanecesse em meu rosto.

O dia anterior tinha sido a minha escolha, como me lembrou, e não tinha ideia de onde íamos. Ele me acordou antes do nascer do sol e, depois do café da manhã, fomos para *Paleokastritsa* de motocicleta. Depois de tirar cerca de cem fotos - era compreensível por que era uma das áreas mais fotografadas da ilha - Capo me ajudou a entrar no barco. Parecia que ele sabia para onde íamos, então me preparei para o passeio.

Onde quer que estivéssemos indo, parecia que era privado, talvez até isolado. Não vi nenhum outro barco nem aterrissei depois de alguns minutos. Era tudo montanhas e mar.

Pensei em lhe perguntar para onde íamos, mas o vento estava tão forte que decidi não perguntar. Não queria ter que gritar por causa disso e em seu ouvido. Além disso, o passeio em si estava divertido e emocionante. Especialmente vendo Capo tão relaxado. Em Nova York, só o tinha visto sem terno uma vez. Ele era só negócios e nada de diversão.

Mesmo que nunca pudesse descrevê-lo como brincalhão, poderia dizer que estava ainda mais relaxado aqui do que na Sicília.

Nós dois estávamos mudando.

Não tinha certeza se era por causa do que aconteceu antes de partirmos “*Nonno*” ou outra coisa, mas algo estava evoluindo entre nós. Tínhamos um casamento arranjado, criado por suas próprias regras, mas ainda assim... Éramos essencialmente estranhos, mas de outra forma, parecia que o conhecia minha vida inteira. Não poderia alegar que ele não me incomodava, mas não era porque me parecia um estranho. Era porque ele não o era, e minha carne era atraída para a sua como a água atrai o sol.

Minha atenção manteve-se metade no pensamento e metade no cenário, conforme continuávamos a viajar cada vez mais longe da costa. Entre minha desatenção e as fotos, nem tinha certeza de quanto tempo levamos para chegar lá, mas do nada - quase literalmente - uma pequena praia apareceu. Era cercada por rochas enormes. Uma delas estava aberta, como uma boca, e água azul escorria. Era tão clara que eu podia ver diretamente o fundo.

Se eu tivesse uma jarra e pegasse um pouco, a água manteria a cor? Queria nunca esquecer quão bonita era. Quão hipnótico. Era convidativo e queria mantê-la perto de mim. Nunca perder a memória de como as cores eram claras e vibrantes contra o sol.

A água rodopiava atrás de nós quando Capo deu uma guinada e nos trouxe para mais perto da costa. A praia estava vazia, nem mesmo um guarda-sol deixado para trás, exceto por um barco de madeira azul. Não parecia um naufrágio e não estava em ruínas. Ainda tinha remos. Talvez alguém o tenha deixado para trás para os visitantes da praia usarem? Perguntaria a Capo, mas decidi por algo que parecia ainda mais urgente.

— Estamos sozinhos aqui? — Uma sensação de antecipação revirou meu estômago, pensando em ter a praia só para nós.

— Por um tempo. — Parecia enigmático. Mais enigmático do que o normal, o que me deixou ainda mais ansiosa com seus planos.

A areia era fina onde a água corria constantemente, mas mais adiante na praia, se tornava pedregosa. A rocha imponente tinha crateras em certos pontos, quase como apoios para pés e mãos, que ajudavam a subir ao topo, onde o verde crescia selvagem como cabelo. Todo o cenário era legal, pois nas aberturas maiores da rocha, podíamos nos esconder do sol caso ficasse muito quente.

Capo me entregou uma sacola cheia de toalhas e roupas limpas. Em seguida, trouxe uma sacola isolada com alimentos e bebidas; também pegou dois guarda-sóis e os enfiou na areia.

Tudo o que vestia era um calção de banho azul e o chapéu tipo bolsa italiana. Seu bronzeado acentuou-se conosco passando tanto tempo ao sol, e seu cabelo era tão escuro, realçando seus olhos azuis elétricos, tal como a cor de seu calção de banho realçava a cor de sua pele.

Fui mexer no meu cabelo, para fazer alguma coisa, quando começou a vir em minha direção, mas tinha esquecido que o tinha enrolado em um lenço de seda do jeito que a tia Stella do Capo tinha me ensinado. Talvez tocando minha cabeça tenha lhe dado uma ideia. Ele jogou o chapéu em uma das toalhas enquanto se aproximava.

Seus olhos estavam fixos nos meus, e eu conhecia o olhar – era uma das expressões que não tinha dúvidas. Parecia que nossos corpos estavam emaranhados desde que nos casamos, incapazes de desamarrear. O empurrão e puxão era diferente de tudo que já havia sentido antes. Isso me fez estender a mão para ele ao mesmo tempo em que dei um passo para trás e bati na pedra.

Esta foi uma das razões pelas quais senti como se o conhecesse desde sempre. Meu corpo agia por instinto. Eu me sentia confortável em estender a mão e tocá-lo como queria, todas as inibições perdidas. Ele dava as boas-vindas.

— Quer dar um mergulho? — Inspirei, apontando para a água, minhas mãos pressionando contra seus ombros.

— *Ainda não está quente o suficiente* — disse.

— *Ainda não está sujo o suficiente* — eu disse.

Ele sorriu, e meu coração caiu na parte mais baixa do meu estômago. Meus mamilos estavam duros, lutando contra o tecido do maiô, e não era apenas o suor que fazia com que as nádegas ficassem molhadas.

Ele deu um passo para trás, permitindo que uma brisa morna soprasse pelo espaço entre seu corpo e o meu, e tirou o calção de banho.

Meus olhos absorveram todo o seu corpo como se fossem esponjas. *Droga. Ele era, porra, tão bom... ou gostoso... ou bonito.* Os adjetivos giravam na minha cabeça, e não conseguia escolher apenas um para descrevê-lo. Seu corpo era um fio elétrico e seus olhos eram condutores. Tudo nele era... carregado.

Ele ergueu as sobrancelhas como se dissesse... *sua vez.*

Estive nua na sua frente antes, muitas vezes, mas isso parecia... eu estava mais exposta, mas queria isso, ele, mais do que considerava os riscos. Respirando fundo, tirei meus chinelos, meu short jeans e tirei o maiô.

Abri os braços, como se dissesse... *estamos quites agora.*

Seus olhos percorreram meu corpo, dos pés até a cabeça coberta, tão lentamente que senti quando uma gota de suor escorreu entre meus seios.

Ele me chamou em sua direção com um dedo, e dei o passo para preencher a lacuna. Tirou o lenço de seda, deixou meu cabelo cair em cascata e então deslizou a mão por baixo, aproximando meu rosto do dele. Quando seus lábios se fecharam sobre os meus, um gemido baixo escapou dos meus lábios e estremeceu contra os dele. Podia sentir o sal em seus lábios, e sua pele estava tão quente quanto o clima.

— Agora sei por que isso é chamado de fruto proibido — murmurou contra meus lábios quando paramos para respirar. — *Foda-se.*

Voltou como se estivesse faminto por isso, um lobo faminto, e o

beijo ficou mais profundo, mais frenético. Inspirei profundamente quando arrancou seus lábios dos meus e se ajoelhou a minha frente. Inclinei-me para trás, tateando a parede de pedra, quando abriu minhas coxas e...

— *Mmmm.* — Um barulho que comunicava completa euforia tomou conta. Sua língua provocava e torturava, e em vez de segurar a rocha, minhas unhas afundaram em seus ombros. Minhas coxas começaram a tremer, e quando fez algo que me fez dizer algo incompreensível... o mundo inteiro se despedaçou ao meu redor. As linhas que o sol fez sob a água pareciam marcadas na minha visão.

Parecia que eu tinha derretido na rocha, e quando sua língua começou a subir, circulando meu umbigo, tornei-me sólida novamente. Podia provar o sal de mim mesma em sua língua quando sua boca encontrou a minha, e mesmo que mal tivesse recuperado o fôlego, se ele não me fodesse logo, parecia que meu corpo poderia se rebelar e começar uma guerra contra o dele.

Ele me levantou do chão e me colocou em uma fenda da rocha. Era grande o suficiente para a minha bunda, e me puxou um pouco para frente, inclinando meu corpo para que tivesse acesso a ele. Minhas costas estavam seguras. A mão com a tatuagem do lobo negro, olhos tão elétricos quanto os dele, deslizou pelo meu corpo, acariciando meu peito, enquanto minhas pernas rodeavam sua cintura.

Seus olhos se encontraram com os meus, e uma brisa suave beijou meu corpo antes que deslizesse para dentro de mim. Estava tão salgada e molhada quanto o mar, e ele se moveu como a maré, lentamente no início, para dentro e para fora, me alongando, e então seu ritmo aumentou, e me fodeu como uma tempestade devastando a costa.

Minha cabeça rolou para trás, meus olhos também, e os ruídos da minha boca eram tão altos que poderiam ter ecoado. Eram imprudentes, como se eu estivesse me entregando à tempestade depois de lutar por tanto tempo. A onda disso percorreu meu corpo, e lutei para me manter inteira.

Revirei os quadris, começando a acompanhá-lo, levando-o ainda mais fundo, quando um grunhido veio do fundo de sua garganta. O som de nossos corpos batendo foi engolido pelas ondas, mas ainda parecia alto nesta pequena área do mundo que parecia inteiramente nossa.

Ele se aproximou, seu corpo nunca pulando uma batida, e me lambeu do pescoço à orelha. — Goze — sussurrou, sua respiração quente. — Goze em volta do meu pau, Mariposa.

A maneira como disse meu nome. A maneira como disse pau. A sensação de sua língua no meu pescoço...

Minhas costas arquearam, minha cabeça bateu na rocha e meus seios saltaram com o impulso de nossos corpos. Meus mamilos estavam duros, doendo para ele tocar, e quando pegou um em sua boca, sugando e depois se afastando, gritei e enfiei meus calcanhares em sua bunda.

Suas paredes se despedaçaram como as minhas, uma explosão quando colidimos juntos, e podia sentir as reverberações dentro dos meus ossos. Quando gozou, ele gozou com força, toda aquela contenção temporariamente enjaulada no controle de outra pessoa.

Meu.

Inclinei minha cabeça contra seu peito, minha respiração fluindo ofegante. Depois de alguns segundos, me beijou, forte, no topo da minha cabeça e puxou um pouco para trás. Ele me olhou por um momento e depois saiu. Tentei não estremecer, mas sempre estremeço. Era como se ele estivesse cortando a conexão entre nós.

Ele me levantou da rocha, me colocando na areia. Então seus olhos percorreram meu corpo novamente, parando em minhas coxas. Passou a mão lentamente por uma e depois pela outra, me limpando um pouco. Podia sentir o seu cheiro, ou talvez o nosso, no ar. Era inebriante, mesmo com os aromas purificadores da praia.

— Suja o suficiente? — Quase não saiu. Minha garganta estava em carne viva - minhas costas e minha bunda também um pouco.

Estava gritando?

Ele não disse nada enquanto me levantava do chão e entrava na água, depois nos mergulhou.



CAPO

Minha esposa brincava no mar como se fosse – humana. Se brincar fosse a porra da palavra certa. Se estava relaxando com a cabeça para trás, os olhos voltados para o sol, ela abria os braços e deixava a água levá-la para onde quisesse, mas às vezes corria por ele, espirrando água, rindo enquanto o fazia.

Eu a havia ensinado, na maior parte do tempo, a nadar na Sicília, mas ela ainda tinha trabalho a fazer. Assim como tinha trabalho para se manter sempre em sua bicicleta. Ensinei-a a andar em uma, e ela praticamente sabia, mas às vezes se algo vinha em sua direção, como outra bicicleta, ou uma pedra aparecia no caminho, em vez de se virar para evitá-la, tombava. Depois começava a rir, mesmo que tenha se machucado. Então, minhas tias vinham sobre ela, como se precisasse delas para beijá-la e fazê-la se sentir melhor. Mariposa acenava para elas, dizendo que estava bem, mas eu percebia que ela gostava. Nunca lutava demais.

A porra da mulher me fascinava. As coisas que ela fazia. As palavras que usava. Não podia desviar minha atenção, mesmo que tentasse.

A vida tentou tirá-la de mim, mais de uma vez, mas ela parecia tão sólida quanto a praia quando uma onda se chocava contra ela. Principalmente deixava rolar por seus ombros. Tudo o que passou, o pão que o diabo amassou, e ainda assim continuava tão aberta à ideia de viver que me fez estudá-la mais.

Nunca conheci ninguém como ela em toda a minha vida, o que significava que seu comportamento às vezes era intrigante. Conheci o

que parecia ser um de cada tipo de personalidade – tinha visto um monte de merda na minha vida – mas não tinha a menor ideia do que ela estava fazendo.

Estava parado não muito longe dela, braços cruzados, minha cabeça inclinada para o lado, tentando entender isso. Sua cabeça estava abaixo da superfície, seu cabelo espalhado em torno dela, braços abertos, e estava balançando com o movimento da água, bunda nua no ar.

Alguns segundos depois, sua cabeça disparou, o cabelo grudado em seu rosto como algas castanhas, e lutou para respirar. Moveu os fios de seu rosto e encontrou meus olhos. Ela tinha os seios mais empinados, os mamilos duros, a pele escorrendo com água limpa enquanto o sol batia em seu corpo. Precisei de toda a minha determinação para manter meus olhos nos dela, mesmo tendo roubado um vislumbre do que me pertencia.

Qualquer coisa que pertencesse a ela. Incluindo minha contenção.

Coisas que nunca tinha realmente entendido antes começavam a fazer sentido. Enterrar-me dentro de uma mulher não parecia mais tão metafórico. Sempre que saía, havia a necessidade de estar de volta.

Sacudi-me, como um cachorro sacudindo gotas d'água, e me concentrei.

Ela ainda estava tirando mechas rebeldes de cabelo de seus olhos, mas poderia dizer que sua expressão havia mudado, ou leu o olhar questionador no meu rosto, ou só queria dizer em voz alta.

— Não posso fazer isso — disse. — Segurar minha respiração por muito tempo.

— Dê um tempo — eu disse. — Água é uma coisa nova para você.

— Sempre tomei banho, Capo — disse, um pequeno sorriso surgindo em seu rosto.

— Não se pode nadar sob um chuveiro — disse — senão seria

uma profissional.

— Mas *pode* se afogar em um centímetro de água, ou pelo menos foi o que ouvi. — Arfou profundamente e depois voltou a mergulhar, trazendo apenas a cabeça para baixo da superfície. Voltou nem dez segundos depois, ofegante. — Meus pulmões não gostam disso. Parece quase... constrangedor. Não posso ser como um peixe!

— Porque você não é a porra de um peixe — disse. — Tem pulmões, não guelras. Se tivesse, estaríamos comendo-a no jantar.

Ela fez uma pausa e depois balançou a cabeça. — Ainda assim. O que é que foi isso? Cinco segundos?

— Cerca de dez — disse.

Ela estreitou os olhos para mim, e então deu de ombros. — Continuarei fazendo isso. Mais e mais a cada vez.

— Trinta segundos é a norma — eu disse.

— Pode fazer muito mais tempo — disse. — Minutos. Eu o cronometrei uma vez. Cerca de dois minutos.

— Isso é o fim da norma — disse. — E isso porque quando eu era criança, passava os verões na Sicília. Nadávamos muito.

— Você e sua mãe?

— Ela gostava de água — eu disse.

— Aposto que era muito melhor do que eu, hein?

Minha boca se contorceu e ela pegou. Sorriu. — Eu sabia.

— Na verdade — disse. — Ela não nadava muito. Gostava de flutuar.

— Eu também! — Ela se sentou e então caiu, flutuando de costas. Chutou as pernas e mergulhou na água com os braços, remando para mais longe da costa.

Para uma mulher que não conseguia prender a respiração por muito tempo, ainda se aventurava em águas profundas. Estava determinada a superar seu problema com a água. Não estava com

medo, mas queria ficar mais confortável.

Nadei mais longe para ficar mais perto dela.

— Deus — suspirou, seus olhos fechados contra o sol. — Isso é tão bom.

Seu rosto estava em uma expressão de puro êxtase, e seu corpo estava lânguido, deixando a água movê-la como uma onda.

— Capo?

— Mariposa.

Ela riu um pouco. Então me agradeceu por trazê-la aqui em siciliano hesitante. Não era porque não sabia as palavras. Parecia que estava tentando reduzir o vazio por trás da gratidão.

Eu limpei minha garganta. — Temos um acordo.

Ela moveu a mão em um movimento preguiçoso, quase como se estivesse acenando, ou talvez tentando não cair no sono. — De acordo ou não. É atencioso. Eu... — respirou fundo — ...é difícil para eu dizer isso, sabe, *obrigada*. Não porque não sinto, mas me recuso a dever. Quando digo... parece estranho, como... recebi algo primeiro que não posso retribuir. Por isso me sinto... em dívida.

— Nosso acordo significa que nunca terá que me agradecer — disse. — É esperado e faz parte dos termos que estabelecemos.

Ela abriu os olhos e os estreitou para mim, seja pelo que eu disse ou pelo tom da minha voz, quem diabos sabe. Ela era boa em esconder seus pensamentos às vezes.

— Sim — disse, uma acidez por trás das palavras. — Eu *sei*. Temos um acordo.

Então não tínhamos problema nenhum. Ela teria o mundo, ou eu perderia minha vida por isso.

Ela bateu a mão contra a água, frustrada, e então deixou a água puxá-la para baixo. Apareceu um segundo depois, sem ar, mas com os olhos arregalados. Travaram no meu por um breve segundo, e antes que pudesse chegar até mim, cheguei até ela. Nunca a tinha visto

nadar tão rápido. Jogou os braços em volta do meu pescoço e trancou as pernas em volta da minha cintura.

— Algo — disse apressadamente, apontando para trás — me tocou.

A água era azul escura nas áreas mais profundas e não tão fácil de ver como nas partes rasas.

Seus olhos pararam em meus lábios antes de se estreitarem contra os meus. — Está rindo de mim, Capo?

— É fofa *pra* caralho — disse.

Antes que ela pudesse responder, eu a movi para as minhas costas e então fui em busca da coisa que a havia tocado.

— Capo!

— Não solte — disse.

— Você...!

Suas palavras foram abafadas pelo barulho da água em meus ouvidos. Segurava firme, porém, quase me sufocando, e espremendo a vida do meu estômago com as pernas. Ela não conseguiu prender a respiração por muito tempo, então, depois de dez segundos ou mais, trouxe ambos de volta.

— Que diabos...

Levantei o fio de alga e ela parou de reclamar no meio da frase.

— Aqui está o seu atacante.

Algumas ondas nos fizeram balançar, e ela caiu na gargalhada.

— Tem certeza?

— Nunca se pode estar cem por cento na água, mas não há mais nada por perto.

— Exceto aqueles. — Ela apontou.

Três ou quatro barcos estavam distantes, mas se aproximando.

Sua respiração se espalhou contra o meu pescoço quando soltou

um suspiro. — Nosso encontro nu acabou.

— É assim que as crianças estão chamando hoje em dia?

Ela riu um pouco. — Isso é o que é. — Hesitou, mas depois pareceu endireitar sua coluna. — Gostei disso. Eu quero fazer isso de novo.

— Ainda não acabou — disse.

— A parte nua — disse ela.

Sorrio, mas ela não viu. — É uma incerteza se as pessoas encontrarão ou não essas praias particulares, mas ainda temos muito mais ilhas para visitar. — Comecei a nos mover para mais perto da costa. Ela tentou me soltar, mas segurei seus pulsos delicados. — Algas marinhas ou algo mais nefasto, quem sabe. Fique comigo.

— Você assustará todos os monstros — disse.

Não me soltou até que peguei suas roupas e as entreguei a ela.



MARI

A praia encheu rapidamente depois que os barcos chegaram à costa. Continuaram chegando em intervalos, deixando muitas pessoas. Já havíamos reivindicado uma área privilegiada na abertura da rocha, por isso todos os outros tiveram que colocar seus guarda-sóis e estender suas toalhas mais longe.

Depois de nadar, meu estômago fez um barulho feroz e Capo apontou para a bolsa que trouxemos. Então entrou no barco e trouxe outra sacola. Comemos uma espécie de massa grega fria com azeitonas, frutas geladas e frango que Capo assou na brasa.

Estava tudo tão cheio, junto com o sol, e resolvi relaxar sob o guarda-sol enquanto apreciava a cena. Capo pegou o seu e fez o mesmo. Parecia que o dia passou mais rápido depois disso e, antes que percebêssemos, era aquela hora do dia que fazia o mundo brilhar.

O céu tinha ficado rosa suave, roxos se misturando, e tudo ao nosso redor parecia mais suave, tocado pela luz. Minha pele até parecia mais macia, de alguma forma, talvez por causa do sol e do mar, e minhas pálpebras começaram a tremer por causa do longo dia.

— Mariposa.

Pisquei, olhando para cima. Capo estava sobre mim, um escudo contra o pouco brilho que restava. Estendeu-me a mão e a peguei. Ele tinha minha câmera chique em sua mão livre.

— Espere — disse. — Meu telefone. — Mesmo que não tivéssemos serviço, queria ter algumas fotos salvas nele, e ele estava em cima da minha bolsa quando estava descansando meus olhos.

— No meu bolso. — Pegou e me entregou. Enfiei na minha bolsa.

Descemos a praia até o barco de madeira azul, de mãos dadas, e ele me ajudou a entrar e depois subiu. O barco balançou com uma onda suave, e então Capo nos virou e começamos a nos mover em direção à abertura da caverna.

A boca estava escura antes que uma fenda na rocha acima permitisse a entrada de luz. Irradiava direto para baixo, atingindo a água com força e destacando a quase inacreditável cor azul.

Keely gostava de livros de fantasia, e fiz uma nota mental para lhe dizer que eu tinha certeza que havia encontrado um portal para outro lugar. Tinha que ser. Era tão irreal, quanto era bonito. Como todo o lugar parecia mágico.

Deixei minha câmera descansar contra o meu peito enquanto pegava meu celular. Tirei algumas fotos da água, dos peixes de aparência sombria nadando e depois tirei uma de Capo. Aquele azul elétrico da água, com o que parecia peixe escuro, também podia ser encontrado em seus olhos.

— Como se chama este lugar? — Alguns peixes se aproximaram do barco e percebi que eram prateados, refletindo um pouco da luz e quase faiscando. Assim como quando o sol batia na água azul.

— Caverna *Nafsika* — disse. — Foi nomeado por causa da princesa Nafsika. Dizem que ela salvou Odisseu.

— Odisseu?

— Nome romano Ulysses. Rei de Ítaca. Conhecido por suas maneiras astutas e engenhosas.

— Ah — disse, pensando nele quando disse a última parte. A descrição se encaixava nele. — Parece que se ela não o tivesse salvo, ele teria salvo a si mesmo.

Ele riu, o que me pegou de surpresa. Era cru, quase arenoso, e gostei do som.

— Se tivesse, não teria dado o seu nome a uma caverna.

— Talvez ela tenha achado que valia a pena — eu disse.

— Será que isso... — fez um gesto ao redor — ...valeria a pena para você?

Ele estava realmente interessado na minha resposta. Seus olhos estavam fixos nos meus enquanto flutuamos sobre a água que era mais escura, talvez até mais profunda. Como se alguém derramasse óleo sobre turquesa, mas era apenas um truque de luz.

Não conhecia a história inteira, mas pensei sobre ela da minha perspectiva.

— Se fosse eu? Não. Não preciso de uma caverna com meu nome, nem nada do tipo. Teria feito isso por causa de uma razão, ou talvez duas. Talvez a tenha salvado de alguma forma? Talvez ela estivesse se afogando primeiro, em um sentido metafórico, e salvá-lo salvou uma parte de si mesma. Por isso, ele fez um grande gesto e...

— Aqui estamos — disse Capo.

— Aqui estamos. — Olhei em volta mais uma vez, meus olhos focados na água quando cheguei nela, depois respirei fundo e soltei lentamente quando percebi algo. — Estava pensando no passeio até aqui, que seria legal guardar um pouco dessa água numa jarra, dessa sua cor, para o inverno. Quero dizer, o inverno é lindo, à sua maneira, mas sempre me pareceu tão brutal. Como se eu pudesse sentir o frio dentro dos meus ossos, e se recusasse a derreter, mesmo quando minhas roupas estavam quentes. O calor queima, mas o frio também. Enfiei meu dedo na água, espalhando-a em torno um pouco, então encontrei seus olhos. — Acho que não preciso levar um pouco disso comigo, no entanto.

Talvez antes... mas agora, tudo que preciso fazer é olhar para você. Seus olhos. Essas eram as palavras na ponta da minha língua, mas não as disse. A atmosfera era muito íntima e as palavras pareciam suaves. Isso não as tornava falsas, no entanto. Talvez para alguns seus olhos azuis parecessem gelados, implacáveis, astutos, mas a Sicília, este

lugar, se infiltrou em meu sangue, empurrando o frio para fora, fazendo-me sentir aquecida, contente e segura. Ele também. Mesmo nas épocas mais quentes do verão, quando o inferno estava atrás de mim, seus olhos serviriam como um mergulho refrescante em algum lugar exótico como este.

Não, não estava mais preocupada com os elementos, mas isso também me assustava.

Como ele se tornou tudo para mim em tão pouco tempo? Era quase tão assustador quanto não ter nada. Porque o que eu tinha a perder então?

Ele me deu um olhar de expectativa, esperando que eu terminasse, e depois de respirar fundo, levantei minha câmera elegante e meu telefone. — Tenho isso — disse, olhando para o seu rosto na tela. Seus olhos tão azuis que pareciam me observar na penumbra da foto. — São meus.

Ele acenou com a cabeça uma vez, então nos virou e nos conduziu para fora.



MARI

Estávamos de volta ao Afrodite e, de um de seus conveses, observei o mar Jônico se estender até onde eu podia ver. A cor da água era quase hipnotizante à luz da manhã. Ainda não era forte o suficiente para causar quebras que ondulavam com a água nas partes rasas. Ainda estava suave, fazendo o mundo parecer que estava brilhando de um fogo distante em algum lugar.

Estreitei os olhos e tentei visualizar as diferentes margens que margeavam o mar. Lembrei-me de Capo me contando. A Sicília ficava a sudoeste. Albânia – norte - não, nordeste. A Grécia ficava a leste. A Itália ficava a oeste e noroeste.

Era estranho não saber realmente onde estava, mas também emocionante. A cada nova parada, descobria outra parte do mundo que nunca pensei que veria. Todas as manhãs e todas as noites, refletia sobre tudo o que havia acontecido e notava as coisas que amava.

A Caverna Nafsika estava no topo dessa lista. Capo parecia tomar conhecimento de coisas assim e, sem dizer uma palavra, planejou mais lugares como aquele. Eu ainda estava pensando na última caverna que visitamos. Foi ainda mais romântico que a primeira - a caverna de Afrodite perto de *Lychnos Beach*. Segundo a mitologia grega, Afrodite se banhava nela. Só era acessível por barco. Mais uma vez, deixamos o iate e embarcamos no que parecia ser um verdadeiro navio pirata, embora Capo não o pilotasse. Capo parecia conhecer o capitão. Depois que perguntei, ele me disse que Rocco o conhecia e confiava nele e que todos o chamavam de “*Captain*”.

O capitão lançou âncora do lado de fora da caverna e, depois, Capo fez sinal para que eu pulasse...

* * *

— Depois de você — disse, não tão certa, olhando para baixo. Embora não fosse tão assustador quanto pular do iate, não tinha certeza de quão profunda era a água e até onde eu desceria antes de voltar. Fiquei até quinze segundos prendendo a respiração. Não queria empurrá-la para trinta, ou mais, e desmaiar ou algo assim.

Então olhei para a beleza da caverna e suspirei. Os nadadores estavam indo direto para ela.

— Spelunker — disse Capo, então, sem hesitar um segundo, saltou do barco e fez um grande splash quando atingiu a água.

— Spelunker — repeti.

— Almas curiosas que gostam de explorar cavernas — disse Captain ao passar por mim. Depois, parou, acenando para a escada que descia para a água. — Não há vergonha em dar passos.

— É como se me oferecesse uma daquelas coisas flutuantes que uma criança usa no braço, certo?

Ele jogou a cabeça para trás e riu. — Sou eu oferecendo a você uma maneira mais fácil, se preferir não aceitar a dele. — Acenou com a cabeça em direção à água, onde Capo acabara de ressurgir, balançando a cabeça como um cachorro que acabou de tomar banho.

— Suje-se, Mariposa — Capo chamou, me dando um olhar que sabia que era para ser ousada.

Se eu fosse fazer isso... não dava a mínima para quem ria. Segurei meu nariz e pulei.

A coisa sobre pular? Não há como voltar atrás. Assim que a gravidade tomou conta do meu corpo, me sugou e o pânico me atingiu. Não tive tempo para me debruçar sobre isso, no entanto. O frescor da água

atingiu meu corpo quente quando mergulhei e soltei meu nariz. Depois disso, a única coisa que registrei foi que algo forte me atingiu e me perguntei se havia pulado perto demais de Capo. Então comecei a chutar o mais forte que pude, não querendo ir tão fundo, mas estava sendo puxada para cima antes que pudesse me conter.

Irrompi na superfície no que pareceram segundos, nem mesmo ofegando por ar.

— O que... — Abri os olhos, ficando cara a cara com Capo. Estava segurando meu braço. — Você me puxou para cima?

— Eu lhe dei quinze segundos assim que atingiu a água — disse.

Era difícil dizer se estava brincando ou não, mas ainda assim, algo quente e indescritível invadiu meu peito depois que ele disse isso.

— Se vou me sujar, você tem que me deixar brincar na lama — disse. — Mesmo quando eu entro em pânico.

Ele assentiu. — Próxima vez. A primeira tentativa é para testar, “la mia piccola farfalla”. — Minha pequena borboleta.

Nadei ao seu redor, indo em direção às suas costas, onde me agarrei, colocando meus braços em volta de seu pescoço. Estava mais confortável em procurá-lo desde o dia que passamos na praia particular em Paleokastritsa. Ele nos levou até a caverna de banho de Afrodite, como se estarmos assim fosse tão natural quanto as rochas no mar.

Nadadores pontilhavam a água ao redor dos barcos ancorados, e tive uma imagem repentina de uma cena de naufrágio, um monte de membros espirrando, esperando por resgate.

Rio, pensando na vez em que Keely e eu jogamos um jogo em que tínhamos que correr o mais rápido que podíamos para sair do caminho da lava de mentira que vinha de um vulcão de mentira na sua casa. Seu quarto era o local seguro, e a primeira que chegasse à cama gritaria a palavra enquanto pulava sobre ele. Anos depois, joguei o mesmo jogo, mas com ratos de verdade correndo por todo o meu apartamento. Minha cama não estava a salvo deles, no entanto.

— Cama! — Disse, lembrando da palavra segura, apertando Capo

um pouco mais forte.

— *Está cansada?* — *Ele...*

* * *

O som da minha risada ecoou no convés do iate e me tirou da memória. Prendi a moeda de ouro em volta do pescoço. Depois da viagem até a caverna, quando saí em busca de um par de brincos em minha bolsa de joias, encontrei o colar. O rosto de Afrodite estava estampado nele. Parecia que alguém havia desenhado seu retrato à mão com linhas finas, fazendo-a parecer real, mas não. Um coração de rubi, vermelho como sangue, estava embutido ao seu lado. Não agradei ao Capo porque não adiantava. Ele não queria ouvir. Então, o mostrei e lhe disse como era lindo. Seus olhos se concentraram dessa maneira intensa, enquanto ele pegava a corrente. Seus dedos acariciaram meu pescoço até meu peito, e isso enviou um tremor através de mim.

Ele uma vez me disse para aprender a falar com ele sem palavras - as ações eram mais altas. Estava fazendo, desde então.

Mesmo que ele estivesse me dando experiências, também me dava coisas que sabia que eu valorizaria. Até o lenço de seda e o novo caderno azul para escrever meus pensamentos.

Embora soubesse que Capo vivia sua vida no escuro, também tinha a sensação de que... fazia certas coisas em homenagem a sua mãe, Noemi. Ele me disse que seu pai não era um homem mau, mas uma alma má. Se fosse esse o caso... que tipo de vida Capo e sua mãe tinham? Eu me perguntei se talvez ele estivesse tentando expiar os pecados de seu pai, mas comigo.

Foi apenas um pensamento, e não queria assumir... mas é tudo que eu tinha. Suposições sobre as coisas que ele não estava pronto para me contar, se é que algum dia estaria. Talvez seu pai não tivesse nada a ver com nada, mas achei difícil de acreditar. Não importa o

quanto tentemos fugir do nosso passado, nunca está longe. Especialmente nosso próprio sangue, já que está em nossas veias.

Um suspiro que liberou um pouco da pressão do meu peito escapou dos meus lábios. Tomei um gole de café e mantive os olhos no horizonte. No final do copo, uma forma ao longe começou a tomar uma forma sólida. Estávamos nos movendo em direção a ela.

— Que porra é essa? — Murmurei para mim mesma, estreitando meus olhos contra o brilho.

Era um navio - o mesmo navio que levamos para a caverna de Afrodite. No meio do nada, parecia. Com tanta água ao seu redor, teria jurado que *era* um navio pirata.

Fui me virar para avisar Capo, mas estava bem atrás de mim e meu rosto colidiu com seu peito. Ele tinha estado em uma espreguiçadeira antes.

Antes de olhar para cima, inalei, respirando-o por um segundo. Ele sempre cheirava tão bem. Apontando para trás de mim, limpei a garganta. — O navio pirata está de volta, acho. Aquele que nos levou para a caverna de Afrodite.

— Navio pirata? — Seus olhos se estreitaram na figura à distância, aproximando-se a cada segundo.

— Isso é o que me parece — disse. — O *Captain* é um pirata moderno?

— O que a faz perguntar?

— Não sei. — Dei de ombros. — Apenas me parece um pouco pirata. Talvez seja o sorriso ou algo sobre ele que não consigo identificar.

— Pirata, ah? — Sorriu, afastando uma mecha de cabelo do meu rosto que havia se soltado com o vento. — Ele é um caçador de tesouros.

— Um pirata, então.

Sorriu. — Ele não embarca nos navios de outras pessoas

procurando saquear e matar o que quer que tenham a bordo, mas sai em busca de tesouros afundados.

— Você disse que Rocco confia nele?

— Tanto quanto de costume. *Captain* se junta a eles de vez em quando.

Ah. *Eles*. A família Fausti. Empresa criminosa e considerada realeza em todo o mundo. Percebi que seus negócios não paravam em terra.

— *Captain* nos levará a outro lugar hoje?

Capo veio ficar ao meu lado, e me virei para encarar a água novamente com ele, observando enquanto parecíamos deslizar bem ao lado do navio do capitão.

— Não, tiveram alguns problemas.

— Outros piratas?

Para minha surpresa, ele assentiu. — Piratas ainda existem — disse.

— O que eles querem do *Captain*?

— Este mar é rico em tesouros submersos — disse. — Encontraram um galeão – um navio espanhol. Carregava antiguidades, barris de vinho e azeite e coisas assim, e ouro, prata e pedras preciosas.

— O que ele faz com as antiguidades? Não as vende, vende? — Isso não parecia certo. Essas antiguidades provavelmente representavam uma cultura e como faziam as coisas anos atrás.

— Não. Ele me disse que não gostava de roubar história e vendê-la, mas as outras coisas - ouro, diamantes, pedras preciosas, pérolas, esse tipo de coisa - são guardiões dos descobridores. Essas coisas ainda existem hoje, disse ele. Entrega as antiguidades ao governo, para que seus arqueólogos possam preservar tudo o que ele e sua equipe encontrarem.

Toquei meu colar. — O rubi no meu colar. É de um tesouro

afundado? — O pensamento de repente me ocorreu, mas realmente pensei que ele riria.

— Sì — disse. — Mas o mundo não saberá de onde veio. Somente nós.

Ele nem precisou acrescentar - *ou piratas poderiam vir atrás de mim.*

Merda. Tive a sensação de que algum dia alguém tentaria arrancar meu dedo anelar por causa do anel de noivado e da aliança de casamento que ele havia me dado. Toquei a corrente em volta da minha garganta - poderiam acertar minha jugular se soubessem de onde veio o rubi em forma de coração. Realmente parecia sangue dentro de um coração.

Quando olhei para cima, Capo estava se afastando de mim, provavelmente para encontrar *Captain* e sua tripulação.

— Capo — chamei, e ele parou. — O rubi tem uma história?

— *Captain* disse que pertencia a uma viúva rica. Seu marido deu a ela. Escreveu em uma carta que a pedra era sangue de seu coração para ela usar.

— Ela se perdeu no mar?

Ele assentiu. — E ele foi morto em batalha.

Foda-me.



CAPO

O ouro nos olhos castanhos de minha esposa refletia o ouro olhando para ela. Não apenas ouro, mas também prata e esmeraldas. O tesouro fazia parte da caçada de *Captain*. Ele disse que as coisas que encontraram, incluindo joias, datavam entre 1500 e meados de 1600. Ele disse que as esmeraldas eram da *Mina Muzo*, na Colômbia. O melhor do mundo.

Mariposa estava absorvendo tudo isso, acenando para *Captain* quando lhe mostrava isso ou aquilo, com os olhos arregalados.

— Como sabe as datas? Como você sabe de onde tudo isso veio?

Captain olhou para ela e sorriu. — Registros. Principalmente do manifesto do navio, que documenta tudo o que o navio transportava na época. Poderia dizer olhando para aquelas esmeraldas, porém, que eram de qualidade. Eu tenho feito isso por tempo suficiente para dizer. E se valia seu peso em um navio naquela época, vale alguma coisa.

— Há quanto tempo vem fazendo isso?

Captain olhou para mim e sorriu antes de olhar para Mariposa. — Passei toda a minha vida na água. Meu pai era capitão de seu próprio navio, ou navios, devo dizer.

Algumas das moedas de ouro, joias e esmeraldas foram colocadas sobre uma superfície de veludo preto em uma sala secreta do iate. Mariposa acenou para ele, pedindo permissão para tocar em um colar. Era longo, na altura do peito, e tinha uma cruz na ponta com três esmeraldas incrustadas no fio de ouro. O anel ao lado ostentava outra esmeralda incrustada em ouro, dois anjos arautos de cada lado.

— Um dos *Fausti* usará isso... — *Captain* acenou a cabeça em direção à pilha de esmeraldas soltas — ...para fazer algo para sua esposa. Diz que os olhos dela são da mesma cor.

Mariposa não perguntou quem, mas sorriu como se soubesse. A esposa de Brando Fausti tinha olhos verdes. Ela passou a mão pelo pedaço de ouro, pegou o anel e o examinou, pousou-o e pegou algo que parecia um ovo.

— Conte-me sobre isso — disse, levantando-o.

— Ah. — *Captain* piscou para ela. — Pedra interessante, com certeza.

Ele lhe disse que era uma pedra de bezoar, deu a ela a origem (persa) e disse o que significa. — *Antidote*. Já ouviu falar disso?

— Antídoto, sim — disse, sorrindo. — Mas uma pedra de bezoar... não.

— A maioria das pessoas já ouviu falar disso ligado à magia. — Riu, vendo o seu rosto. — É parcialmente verdade, mas não é mágica *real*. Essas pedras são encontradas no estômago e nos intestinos dos animais. Às vezes humanos. É um acúmulo de material não digerido que endurece. Fosfato de cálcio e magnésio transformam-se em pedra ao redor do que quer que esteja lá – fibra vegetal ou seixo, digamos – e as contrações do estômago criam a forma disso.

Mariposa colocou a pedra de volta na mesa. — Por que alguém iria querer isso? — Inclinou o queixo em direção a ele, cruzando os braços. Sorriu; poderia dizer que ela queria lavar as mãos.

Captain parecia divertido com ela, mas não de uma forma paternalista. — Antigamente, acreditava-se que era mágico. Os médicos árabes começaram a usá-las no século VIII e a introduziram na medicina ocidental no século XII como um antídoto para o arsênico. Arsênico era um escolha popular na época para assassinar nobres europeus. Com isso, seus olhos dispararam para os meus. Queria sorrir de novo, mas reprimi. Ela me olhava como se achasse que eu precisava de um.

Captain continuou, talvez interpretando o olhar como uma intriga. — Também se acreditava que as pedras curavam lepra, sarampo, cólera e até depressão. No século XVI, os muito ricos as procuravam. A rainha Elizabeth I tinha um anel com uma pedra cravada nele.

— Então, essas coisas *valem* seu peso em ouro — disse Mariposa.

— Valiam... para as almas que as procuravam naquela época. Hoje, porque faz parte de algo que não fazemos mais.

— Acho que não funcionou? — Ela me deu um olhar lamentável, e desta vez, rio.

Captain olhou entre nós, sentindo que era uma conversa privada e silenciosa que estávamos tendo, então balançou a cabeça. — Não. Foi desmascarado por um cirurgião francês por volta dos anos de 1500. Quero dizer, final dos anos 1500. Seu nome era *Ambroise Paré*. Um cozinheiro em sua casa foi pego roubando prata e foi condenado à forca por isso. Paré ofereceu-lhe um acordo: seria envenenado para ver se o bezoar funcionaria, ou simplesmente seria enforcado. Se ele sobrevivesse ao veneno, poderia ficar livre.

— Parece que o cozinheiro de Paré era um apostador — disse.

— Absolutamente. — *Captain* assentiu. — Ele tomou o veneno, mas morreu horas depois.

— Droga — disse Mari. — Tão perto.

— Nunca perto de tudo — disse *Captain*. — Ele esperava que as chances estivessem a seu favor. Às vezes, simplesmente não estão. Um pirata sabe disso muito bem. Pode fortalecer seu navio contra outros piratas o quanto quiser, mas não há como fortalecer nada contra a Mãe Natureza.

Ela se virou para o bezoar por um segundo e depois voltou para nós. — Consegue prender a respiração por muito tempo?

Captain pareceu um pouco surpreso com essa mudança na conversa. Olhou para mim antes de responder. — Estive perto da água toda a minha vida. Posso segurá-la por mais tempo do que um homem

comum, mas não faço disso um hábito. Costumo usar guelras quando mergulho - equipamento de mergulho.

— Isso é algo que se pode ensinar a outra pessoa?

— Existem exercícios. — Hesitou, mas apenas por um segundo. — Importa-se se discutirmos isso enquanto tomamos um café? Noite longa.

Depois de trancarmos o porão secreto, acompanhei Mariposa até uma parte diferente do iate, onde ela e *Captain* sentaram e começaram a conversar. Uma mulher mais velha apareceu e disse que traria um café para eles. Estavam envolvidos em uma discussão, então saí, olhando para a extensão de água. Fazia horas desde que *Captain* e alguns de seus tripulantes embarcaram em nosso navio e trouxeram o tesouro com eles. O sol estava começando a se pôr e, ao longe, notei alguns navios seguindo o nosso.

Peguei meu telefone e disquei o número. Rocco atendeu no terceiro toque. — Amadeo — disse.

— Rocco.

Sua risada profunda e baixa fluiu pela linha. — Se procurava um subterfúgio, falhou.

— Não tem outro nome — disse. Eu tinha muitos - Amadeo era um deles, embora apenas a família me chamasse assim.

— Ah — disse. — Eu tenho muitos nomes. Você simplesmente nunca os ouviu.

— *Amante* não conta — eu disse.

Ele riu um pouco mais alto, depois suspirou. — Tudo bem com o pacote?

— Sim — eu disse. — Só que não gosto.

O sol foi engolido pelo horizonte, e as únicas luzes eram as que vinham dos navios naufragados. Alguns homens saíram para observá-los. Provavelmente sentindo a mesma coisa que eu. Dificuldades.

Captain havia deixado seu navio para trás porque os havia

ultrapassado na noite anterior. Até tiros foram disparados. Não sabia se era seu concorrente, contratando uma equipe para fazer o trabalho sujo, ou piratas de verdade. Se não sabiam que o tesouro pertencia aos Fausti, era melhor acordarem e descobrirem. Foi a razão pela qual o tesouro foi transferido a nós em primeiro lugar. A maioria das pessoas sabia que não devia mexer com eles.

— Não confio em muitos — disse ele.

Não precisou dizer mais nada. Ele só confiaria em alguns com um pacote desse valor. Senti o mesmo sobre minha esposa.

Rocco ficou em silêncio por alguns segundos. Eu o ouvi exalar antes de falar. — O casamento já mudou você, Amadeo — disse em italiano.

— Eu tenho uma responsabilidade – alguém para cuidar. — Direto ao ponto e à verdade.

— O futuro não está longe.

Sabia do que ele estava me lembrando, minha guerra em Nova York, mas no momento, não tinha nenhuma porra de importância.

— Minha esposa não consegue prender a respiração debaixo d'água por muito tempo — disse. — Ela é melhor em terra.

— Onde tem experiência em fugir do diabo — disse, quase pensativo. — O pacote será descarregado no próximo porto. Se eles chegarem muito perto, exploda os filhos da puta da água.

Encerrou a conversa dizendo que nos veria em Nova York - nos encontraríamos para jantar. As luzes do iate ainda não haviam acendido, e permaneci na escuridão, observando os navios, tentando avaliar a distância.

— *O que é feito no escuro virá à luz* — disse uma voz suave.

Virei-me para encontrar Mariposa parada na porta, me olhando.

— *Nonno* — disse. — Ele me disse isso. É um verso, certo?

Mesmo que ela não pudesse ver meu aceno, continuou como e o tivesse. — Ele disse que os segredos sempre são descobertos e a

verdade é revelada, não importa quanto tempo esteja enterrada.

Estendi minha mão para ela e, quando a pegou, puxei-a para mim. Arfou, mas foi suave, e o vento a roubou. Eu a mantive ao meu lado com uma mão em seu quadril.

— Tem um segredo para me contar — disse. — Pela manhã.

— Possivelmente — e podia ouvir o sorriso em sua voz. — Mas na verdade estava falando sobre eles. — Acenou com a cabeça em direção aos navios. — Acho que saberemos pela manhã se estão atrás de nós?

— Estão, mas se eles são ou não imprudentes o suficiente para tentar roubar o que não lhes pertence – esse é o segredo.

Ficamos ambos quietos. Ela nem me perguntou o que faríamos se eles o fizessem. Ela conhecia o custo de vida nas ruas. Como a vida pode ser imprevisível. Aplicou isso em sua vida diariamente. Para ela, a realidade não estava a centenas de quilômetros de distância. Todos os dias nas ruas, estava tão perto de perder quanto os navios de nos pegar.

Limpei minha garganta. — Quem sou e o que faço me segue, Mariposa.

— Então também me segue — disse. — Esse é o acordo que fizemos.

Assim como fez quando descobriu o que aconteceu com Zamboni, o vagabundo que machucou o que era meu, ela respirou fundo, profundamente e suspirou, mas quando deslizou a mão na minha desta vez, não estava tremendo.



MARI

Capo sentou-se à minha frente, perto da porta, na escuridão. Sabia que ele não dormiria.

Do meu lugar na cama, imaginei que seus olhos elétricos seriam a primeira coisa que veria se ele se sentasse de frente, acordado e crepitando com energia quando parecia que o mundo inteiro havia adormecido. Assim como a tatuagem do lobo em sua mão, aqueles mesmos olhos emergiam do preto de seu pelo.

Ocasionalmente, imaginava ouvi-lo respirando... uma inspiração, um suspiro, até mesmo um bocejo, mas não ouvi nada. Ele podia ficar imóvel como um fantasma. Uma presença que sabia estar lá, mas só senti porque senti cócegas na minha nuca. Talvez até sentisse isso em meus ossos.

Ou talvez não um fantasma... não queria pensar nele dessa forma, não quando não tinha ideia do que tinha acontecido com sua garganta. Em vez disso, pensei em um mosaico dentro de uma caverna - a água. Ele podia ficar tão quieto que se tornava um reflexo. Dependendo de como olhava para mim era o que eu via *nele*.

O interior de nossa cabine estava estranhamente silenciosa. As paredes pareciam à prova de som, mas ainda imaginava os ruídos regulares do iate. Coisas que eu ouvia assim que saía do cômodo.

De certa forma, isso me enervava, sabendo que a vida estava barulhenta do outro lado da nossa porta, se movendo, e não tinha ideia do que acontecia. Em outro, estar na quietude com Capo me dava paz. Talvez fosse um pouco como estar dividida entre o inferno da vida e o seu paraíso. Poderia adormecer, mas era inquieto.

Abri a boca para dizer algo, mas logo a fechei. O que havia para dizer? Não dava desculpas para o que fazia, nem negava que a atividade criminosa - o perigo - fizesse parte de seu negócio. Não sabia de tudo, mas ele me disse que trabalhou para a família Fausti enquanto estávamos na Sicília. Conecte isso com este iate, *Captain* - que também tinha laços com eles - e teria minha resposta. Capo provavelmente conversou com Rocco sobre a situação antes. Achei que era com quem tinha falado ao telefone.

Não pude resistir a observar Capo enquanto *Captain* tomava goles de seu café. Mesmo que o rosto de Capo nunca pudesse ser descrito como animado, com um monte de emoções, portanto expressões que poderia ler facilmente, sabia que ele estava chateado.

Esse mesmo calor floresceu em meu peito com o pensamento. Não tinha nada a ver com Capo estar bravo com Rocco. Tinha tudo a ver com a razão por trás disso.

Eu.

Ele não queria que eu me envolvesse no que quer que estivesse acontecendo. Essa era toda a razão pela qual ficou como uma sentinela na porta, vigiando, provavelmente até de manhã, ou sempre que os navios que seguiam iam embora.

Droga... será que *vamos* afundá-los? Sabendo o que sabia da família Fausti, tinha certeza de que, se os navios que se aproximavam de nós se aproximassem demais, se *tornariam* navios de tesouros afundados descobertos daqui a centenas de anos.

Apesar do pensamento, o calor permaneceu em meu peito ao pensar em Capo me protegendo do mundo, e adormeci no quarto fresco, respirando com facilidade.

Não foi o sol brilhando pelas janelas horas depois que me acordou novamente. Foi música. “*Cuando Me Enamoro*” cantada por um tenor italiano extremamente romântico, sua voz saindo pelo sistema de som como se ele mesmo estivesse me fazendo uma serenata.

Um sorriso sobre o qual não tive controle surgiu em meu rosto quando ouvi a voz estilhaçada de Capo mal sair, “flores”, enquanto cantava a palavra com o tenor. *Flores* significava *flor* em espanhol, e também era meu nome de solteira, dado por minha mãe adotiva e pelo homem que fora seu marido antes de morrer. Mesmo que a voz de Capo estivesse tensa quando cantou o verso, poderia dizer que ele era apaixonado por isso. O resto da música deixou o tenor cantar.

Foda-me. Essa música era tão romântica, mas de uma forma otimista.

Respirei fundo o ar puro. A porta da cabine havia sido aberta para deixar entrar o sol quente. Ninguém vinha a este convés, a menos que os chamássemos. Ainda bem, ou me veriam nua como no dia em que nasci. Adorava dormir sem um pedaço de roupa, especialmente porque os lençóis eram muito bons contra a minha pele. Respirei novamente e cheirei... Capo no ar. Água fresca. Sal e mar. Se azul tivesse cheiro... meu marido usava-o.

Agarrando meu roupão, coloquei-o e o encontrei parado no banheiro em frente ao espelho. Tinha uma toalha enrolada na cintura, gotas de água escorrendo pelo corpo e uma navalha pressionada contra a mandíbula. Era uma daquelas antigas - aparência perigosa contra a natureza delicada da pele. Deslizou contra seu rosto, um golpe lento, mas seguro, e então ele jogou o creme de barbear e o cabelo na pia.

Algo sobre a navalha, quando deslizou ao longo de sua pele fez meus braços ficarem arrepiados. Só podia imaginar o que tinha acontecido com sua garganta, e ter algo tão afiado perto da cicatriz me deixou desconfortável. E se o iate balançasse ou algo assim?

Seus olhos encontraram os meus através do espelho e, depois de um segundo, percebi que estava olhando para mim. Eu pisquei e depois sorriu para ele. Quando devolveu, seus dentes eram de um branco brilhante contra sua pele bronzeada e cabelos escuros. Foi apenas um lampejo, mas um lampejo que enviou eletricidade correndo por minhas veias. Isso me acordou como um bom expresso faria.

— Ainda estamos vivos — eu disse.

— Ainda estamos vivos.

— Eles ainda estão nos seguindo?

Ele se voltou para o espelho, voltando ao seu ritual. — Sì. Não por muito tempo, no entanto. No próximo porto desembarcaremos e o tesouro será removido. Uma ligeira inclinação da cabeça, metal frio descendo por sua mandíbula, então uma explosão de creme de barbear perfumado e cabelo descartado novamente. — Estaremos lá em breve.

Acenei a cabeça, mas me perguntei brevemente se a noite seria a última que aqueles navios veriam; a manhã também.

O pensamento me fez ficar em silêncio e continuei a observá-lo enquanto se barbeava. Mais uma vez, e seus olhos encontraram os meus novamente.

— Faça isso por mim.

Não era uma pergunta. Balancei minha cabeça. — Não sei como. Não quero ma...

— Não vai — respondeu antes que eu pudesse terminar. — Vou ensiná-la.

Ele estava me ensinando muito... sobre o que significava viver de verdade, e muito sobre romance, mesmo que não tivesse a intenção de me ensinar sobre isso.

Com uma respiração trêmula, dei um passo mais perto do balcão, parando diante dele. Ele pegou minha mão e colocou o cabo nela.

— Isso parece velho — eu disse, olhando com incerteza. — Não a navalha em si, mas o estilo dela.

— Pertenceu ao meu avô — disse.

Meus olhos se ergueram para encontrar os dele e, um segundo depois, caíram novamente na agudeza da navalha.

— Deixará crescer um bigode grandão? — O de seu avô era de

prata pura, e contra sua pele morena, verdadeiramente lindo.

— O rosto dele foi feito para isso. Parte de quem ele era.

— O seu poderia lidar com isso — eu disse. Pensando em como ele ficaria bem mesmo quando o tempo o dominasse. Aqueles olhos azuis contra a pele bronzeada, cabelos pretos que só clareavam ao sol, mas eram como tinta derramada quando molhados, um queixo quadrado, sobrancelhas que eram viris, mas não como uma floresta crescida, e um nariz reto e fino, mas masculino o suficiente para se encaixar na vibração perigosa que emitia. Era esculpido com imperfeições que só o tornaram muito mais perfeito.

Sua mão se fechou sobre a minha. — Lide com isso. — Depois colocou dois dos meus dedos sobre a parte superior da própria lâmina e os outros dois enrolados no cabo, acomodando-se entre meu dedo médio e o anular. — Estabilidade, segure-a dessa maneira lhe dará alguma; ou... — me mostrou outro caminho e me disse para escolher aquele que me deixasse mais confortável.

— Tem certeza que posso lidar com isso... — Mantive meus dedos como havia me ensinado, movendo a navalha para frente e para trás em demonstração.

Ele moveu minha mão sobre seu peito e, antes que soubesse o que ele estava fazendo e pudesse recuar, cortou uma linha sobre seu coração usando minha mão. — Viver nos deixa cicatrizes, *Butterfly*, mas pelo menos é feito por uma mão que não me quer mal, ainda — acrescentou.

— Ainda? — Minhas sobrancelhas se ergueram com isso.

— De tempo a isso. — Sorriu. — Todos nós temos punhais, só depende de quem escolhemos para usá-los. Pela minha experiência, as pessoas mais próximas de nós estão prontas para usá-las primeiro.

Como poderia responder a isso? Em vez disso, coloquei a navalha no balcão e enfiei o dedo no corte que ele havia feito. Talvez pensasse assim, ou se sentisse assim, mas... eu não queria machucá-lo. Queria protegê-lo. Esse pensamento me fez lembrar os pensamentos

que tive em uma igreja siciliana, quando a luz do vitral caiu sobre seu rosto.

Havia se tornado o mosaico - o vidro retendo a maré. Sua garganta. Alguém tentou destruir todas as suas defesas. Quem quer que fosse, o destruiu, e depois ele se recompôs. As duras linhas metálicas que mantêm o vidro inteiro eram tão aparentes em seu rosto, se alguém tivesse coragem de ver.

Preciso desaparecer ainda ser visto.

Ti vedo. Eu te vejo.

Vejo através do lindo vidro azul quebrado. Vejo as linhas duras que o mantêm unido. Tenho a coragem de ver além do caçador e nos olhos do homem que se conectam a um coração batendo.

Eu o vejo, meu marido. Vejo-o, meu Capo. Vejo-o você, meu coração. Vejo-o, meu tudo.

Sua mão veio sobre a minha, e percebi “*Cuando Me Enamoro*” ainda tocava. Ele deve ter colocado no *repeat*.

Sem dizer uma palavra entre nós, começou a me mover pelo banheiro ao ritmo da música e, de alguma forma, sem palavras, seu corpo ensinou o meu a dançar. Permitindo que ele liderasse. Depois, o senti e raspei seu rosto. Um arrepio percorreu-o com a suavidade do meu toque, esperançosamente apagando a memória da faca em sua garganta.



MARI

“Quando *Me Enamoro*” pairava na minha cabeça enquanto o helicóptero sobrevoava Santorini. O barco de apoio geralmente nos levava do iate para terra, mas, dadas as circunstâncias de nossa chegada, parecia que Capo resolveu o problema com as próprias mãos e voamos do heliporto no iate.

Nenhuma reclamação minha. A vista era de tirar o fôlego daquele alto, e sabia que, de perto, que seria uma experiência que jamais esqueceria. Minhas mãos se contraíram contra a câmera, minha mente imaginando tocar tudo. A ilha estava viva com texturas e cores que combinavam com o mar que a cercava – o branco ofuscante das casas de pedra, os telhados azuis sobre as igrejas, as portas e persianas de madeira, tudo combinando com as cores do mosaico da água. O sol crepitava e o dia já estava quente, mas o mar me lembrava uma bebida fresca em um copo brilhante.

Meus pés tocaram o chão estava pronta para correr. Absorvi o lugar inteiro, tentando absorvê-lo através da minha pele e da minha câmera. O que não tinha notado era a cor brilhante de todas as buganvílias rosa-choque que cresciam selvagens ou eram plantadas como lenços perfeitamente posicionados sobre as portas; ou se derramava sobre as casas cúbicas brancas empilhadas na encosta da montanha como tinta vibrante.

Todo o lugar parecia refletir seus arredores e, sob a luz do sol escaldante, as cores eram quase neon. Era uma competição entre meus óculos de sol e minha câmera – qual deles tinha mais diante dos olhos.

Não era meu dia ou de Capo escolher algo para fazer, então nos

demoramos pelas ruas íngremes, sem ter para onde ir. Embora tivesse algumas compras em mente e dissesse isso a Capo.

Ele ergueu as sobancelhas, mas não disse nada. Sabia que se não gastasse algum dinheiro, me diria que eu não estava cumprindo minha parte do acordo. Por isso, comecei a comprar coisas aqui e ali, lembranças para nós, colecionáveis para a família de Capo e presentes que pensei que Keely poderia gostar. Comprava principalmente coisas do mercado, itens feitos à mão para apoiar os locais, mas hoje... tinha um vestido em mente, e embora concordasse em comprar roupas que não fossem de uma marca chique, tinha a sensação de que esse vestido poderia ser mais caro do que o normal, porque na minha cabeça parecia especial.

Na verdade, não tive problemas em gastar o dinheiro de Capo. Ele tinha muito, e fazia parte do nosso acordo, mas ainda era novidade para mim poder comprar o que quisesse, e mais de um. Se eu adorasse um sapato, ele me encorajaria a comprar o mesmo em cores diferentes. Quando pedimos comida, fiz uma pausa antes de adicionar qualquer coisa ao nosso pedido principal. Muitas vezes na minha vida, tive que escolher entre aluguel e mantimentos, e levaria mais tempo para me acostumar a não ter que me preocupar com esse aspecto da minha vida.

Estava ficando tarde e estávamos hospedados em um hotel em terra por uma ou duas noites. As ruas estavam lotadas; Santorini parecia mais turística, mas adorei que Capo tivesse organizado parar nos destinos que eram e nos que não eram. Depois de jantar em um restaurante à beira-mar onde Capo comeu ostras frescas, mal conseguia manter os olhos abertos.

Demorava muito para me cansar, e Capo terminou o trabalho depois que chegamos em casa.

Na manhã seguinte, tomamos nosso café da manhã na cama e voltamos para a rua. Era outro dia brilhante e algo em mim se agarrou à liberdade que encontrei nele.

— Quero fazer mais compras — disse a Capo enquanto olhava as

vitrines.

Ele olhou para mim e depois assentiu. — Área diferente?

— Sim! — Tinha o vestido em mente e esperava poder encontrá-lo.

Ele sorriu e colocou a mão na parte inferior das minhas costas, direcionando-me através do tráfego de pedestres, certificando-se de que ninguém me atropelasse. No caminho, porém, vi um bando de burros subindo uma rua íngreme, turistas nas costas.

— Pague o homem — disse a Capo, acariciando um dos burros não reclamados. Preocupava-me que o peso fosse muito difícil para ele, mas estavam todos saudáveis, com os pelos brilhando ao sol e pareciam bem cuidados. Ainda assim, não queria sobrecarregá-lo, apenas levá-lo para passear na rua.

Capo me lançou um olhar, o mesmo de quando me chamou de mandona na Sicília, mas pagou ao homem. Pagou apenas por um.

— Dará uma volta? — Disse, observando-me pegar as rédeas e conduzir o burro até o primeiro degrau.

— Sim — eu disse. — Estou dando... — Fui olhar para trás, mas não consegui ver tão longe.

— Ele — disse Capo.

— Estou dando um tempo para *ele*.

Eu o chamei de *Donkey II*, em homenagem ao de *Shrek*. (Assisti ao filme em Nova York com Capo. Embora assistir com Capo fosse um exagero. Ele tinha adormecido.) *Donkey II* era um burro tranquilo, exceto quando passamos por outro burro descendo e tentou mordê-lo.

— Hoje não — disse Capo, apertando mais as rédeas até passarmos pelo inimigo de *Donkey II*.

— Acho que todos, até os burros, têm inimigos — disse eu ao *Dunkey II*. Acenou com a cabeça e fez um barulho que me fez rir. — *De manhã, farei waffles!*

— Ao menos sabe como? — Capo disse, me dando um olhar

estreito. Provavelmente tentando descobrir por que acabei de jogar isso lá fora.

Rio do olhar sem noção em seu rosto, e *Dunkey II* zurrou e acenou com a cabeça novamente.

— É de um filme — disse, suspirando. — Mas poderia aprender como. Fazer waffles, quero dizer.

— Sem dúvida — disse ele. Ficamos quietos por um tempo, movendo-nos em um ritmo agradável, apreciando a vista enquanto subíamos cada vez mais alto. — Ninguém nunca riu perto de mim tanto quanto você.

Achei que talvez estivesse brincando, mas uma coisa sobre Capo: ele não tinha muito senso de humor. Quando me olhava como estava - totalmente desconcertado pelo meu... charme, ou o que quer que ele quisesse chamar - suas reações a algumas das coisas que eu fazia e dizia me faziam rir. Ele me observou como um lobo observaria uma borboleta esvoaçante dançando em volta de sua cabeça, sem saber se estava intrigado ou se queria engoli-la inteira.

Passando para o outro lado da estrada, olhando para a ilha, tirei uma foto. Estava tentando descobrir como responder ao seu comentário. Dizer a ele que não ria muito, mas perto dele... eu sentia a liberdade de ser feliz. Na minha cabeça parecia bom, mas parecia cafona dizer em voz alta. Gostaria de ter palavras para lhe oferecer. Ele me fazia coisas românticas tempo todo, mas de um jeito que parecia... profundamente romântico, comparável a rosas, vinho e chocolate, mas de um jeito sutil. Sem merda de queijo.

Eu me virei e tirei uma foto dele e do *Donkey II*. Talvez tenha visto algo em meu rosto que não percebi que estava mostrando a ele, porque limpou a garganta e disse — Gosto disso.

— Que eu rio?

— Ao meu redor — disse, dando de ombros rapidamente.

Ele usava uma camisa azul escura e calças leves (uma arma enfiada atrás da cintura). A luz surgiu ao redor por trás, os raios

ofuscantes, e levantei minha câmera e tirei outra foto, esperando pegá-lo como o via. Cheio de luz em um mundo que tinha sido mais pesado do que devaneio.

Imitei seu encolher de ombros, mas não de uma forma sarcástica. — Eu também gosto — disse, e então me aproximei dele. Arrumei meu cabelo, peguei meu telefone e tirei uma selfie de nós dois, depois de nós três.

Sem que nenhum de nós dissesse nada, começamos a levar o *Donkey II* mais alto, nossos passos em sincronia enquanto continuávamos a subir. Um leve vento soprou, esfriando minha pele superaquecida, e respirei fundo. Cheirava principalmente a burro, e também sabia que provavelmente eu cheirava.

— Talvez eu tenha que esperar pelo vestido novo — disse, me inalando. — Provavelmente me colocarão para fora da loja.

— Estamos partindo para uma ilha particular esta tarde — disse, balançando a cabeça por cima do ombro, como se essa fosse a área para a qual iríamos. — Mas não importa se estiver usando fralda quando entrar - só sentirão cheiro de dinheiro.

— Verdade — disse, e não dissemos mais nada quando chegamos ao topo.

Parecia que eu estava no topo do mundo. Então *Donkey II* deu um guincho e se virou mais rápido do que pensei que poderia no degrau, empurrando outros burros para fora do caminho, tentando pegar um que estava caindo.

— Oh, merda — disse. — Espero que ele não vá atacar aquele outro!

— Não. — Capo olhou para a cena, não se incomodando com isso. — Está indo atrás de sua Jenny - sua garota. Provavelmente a causa de sua guerra com o outro Jack.

— Jenny e Jack? Não deveria ser Jack & Diane? — Era uma música antiga que tocava na estação de rádio do velho Capo.

— Jenny e Jack são nomes femininos e masculinos para um

burro.

Cap estava certo. Quando *Donkey II* veio até a Jenny que estava atrás, parou e acariciou-a, fazendo-a chegar mais perto da borda do que o cavaleiro parecia confortável.

Eu me virei, tirando algumas fotos, sempre admirada que meus pés estivessem em qualquer lugar que não fosse Nova York. — Não acredito que estou aqui. Na Grécia. — *Com você.*

— Nem eu — murmurou.

Sua resposta e o som de sua voz me fizeram virar para olhar para ele. O olhar em seu rosto ecoou seu tom: reflexivo.

— Já estive aqui antes — disse. Embora não tivesse estado em todos os lugares que visitamos, ele esteve na Grécia.

Ele balançou sua cabeça. — Com você. Minha esposa. Você é diferente.

— Sou. — Eu me senti um pouco constrangida de repente. Seu comentário foi direto em comparação com seu tom anterior. — Diferente.

— Diferente do que eu esperava para uma esposa — disse. — Como esposa.

— Oh.

Ele sorriu. — Você aprendeu mais rápido do que pensava. — Então estendeu a mão e pegou minha mão na dele, levando meus dedos à sua boca. O ar quente fluíu sobre eles com a respiração que soprou. — É uma verdadeira companheira — disse em italiano.

Aprendeu mais rápido do que pensei, foram as palavras da sua boca, mas o que podia jurar que senti foi: *Você me pegou mais rápido do que pensei.*

Antes que pudesse responder - se pudesse; não havia nada de cafona nisso - ele acenou com a cabeça para trás. — Venha. Não quer que as lojas fechem.

Com isso, eu disse adeus ao *Donkey II*, o calor do sol e as

palavras de Capo persistindo em minha corrente sanguínea mesmo
depois que o sol se pôs.



MARI

Estava enrolada em um pequeno casulo feito de cobertores limpos e os lençóis mais macios que já senti. Capo estava ao meu lado, emitindo um calor corporal que me fazia sentir ainda mais confortável do que a cama. A cabine estava fria, mas seu calor combinava perfeitamente com ela. Isso deixou o ar morno, e meu perfume e a colônia de Capo nadaram por ele.

Um sorriso permaneceu em meu rosto, pensando no casamento que tivemos antes de sairmos de Santorini. Achei que Capo não aceitaria, mas depois que saiu da minha boca, deu de ombros, apertou minha mão com mais força e nos puxou para a multidão. Estava usando um vestido maxi fino que flutuava com o vento, macio contra a minha pele, e devo ter dançado por horas. Saímos da ilha mais tarde do que o esperado, e o sorriso ainda estava estampado em meu rosto. Adormeci com isso, minhas bochechas doendo, como todos os músculos do meu corpo, mas da melhor maneira.

Estava sonhando em estar perto da borda da montanha, o oceano abaixo de mim em vários tons de azul. Com um suspiro, comecei a queda livre, mas fui arrancada do sonho antes que pudesse atingir a água. — Tempestade — disse Capo.

Pisquei para ele, tentando ajustar meus olhos e minha mente, sem saber de onde isso tinha vindo. Seu aperto em meu braço era firme. Estava meio na cama e meio no chão - Capo era a única força que me impedia de colidir com ele. Ele me agarrou com mais firmeza, como se tivesse estendido a mão logo antes de eu cair, e me puxou para perto de seu corpo novamente.

Demorou um momento para eu acordar completamente. Ao fundo, uma música que ouvia antes estava tocando. Não uma dele, mas minha. Estava tentando memorizar a letra.

Então me lembrei do que ele disse. — Tempestade? — Repeti, minha voz suave e sonolenta.

A cabine fez um barulho como se tivesse articulações, e estivesse se esticando. Depois o iate balançou e o estranho rangido silenciou. Senti o inchaço - da onda? - no meu estômago, e meu coração começou a bater mais rápido.

— Nós nos deparamos com ela. Não era esperado.

— Oh — disse.

Capo havia dito que a ilha particular para a qual íamos ficava a nove horas ou mais de distância. Provavelmente estávamos a meio caminho. Espero que perto o suficiente para que possamos nadar se afundarmos. Não sentia a água sob meus pés desde que subi a bordo, mas podia senti-la naquele momento. Parecíamos estar subindo e descendo.

— *Ung!* — O iate pareceu se inclinar para a direita e rolei por cima de Capo. Ele me pegou de novo antes de eu ser apresentada ao chão.

Embora estivesse escuro, nossos rostos estavam próximos. Podia sentir o cheiro de menta da sua respiração e da minha quando eu expirava e ele inspirava.

— Terei que prendê-la — disse, sua voz baixa e rouca.

O som disso me fez estremecer e meu coração começou a bater ainda mais rápido. Sem dúvida senti contra a batida dele.

Eu flertaria com ele do meu jeito quando o quisesse, mas ele geralmente fazia os movimentos, transformando-se em um lobo faminto quando me queria. Parecia estar faminto, devorando-me constantemente, mas nunca se saciando. Algo se apoderou de mim, porém, uma onda como a onda, e minhas unhas se cravaram em seus ombros para controlar o impulso. O súbito impulso de pressionar meus

lábios contra os dele e beijá-lo até que também perdesse o fôlego na correnteza. Estávamos tão perto. A única coisa entre nós era a música tocando repetidamente no fundo.

— Pegue o que quiser, Mariposa — disse, o cascalho em sua voz como areia contra minha pele, corroendo minhas inibições.

Minha boca encontrou a dele, mas não foi um beijo suave, nem mesmo lento. Foi um estrondo tão violento quanto as ondas contra o iate. Um gemido que veio direto do fundo do meu peito persistiu conforme interrompia o beijo e me afastava dele. Explorei seu corpo com meus lábios e minha língua, saboreando cada centímetro de sua pele. Como as praias e as vilas, ele também era cheio de texturas e cores. Eu ansiava por ele; queria absorvê-lo como fiz com as memórias.

Sua mão deslizou em meu cabelo, e parecia exuberante em seu aperto, algo que nunca tinha prestado atenção antes. Quando ele me tocava, quase me fazia sentir transformada, uma criatura cujas cicatrizes a tornavam ainda mais bonita. O simples ato me fez sentir como se meu cabelo fosse feito de seda em vez do que era. Minhas mãos deslizaram por seus lados enquanto respirava, encontrando sua boca novamente. Nossas mãos se entrelaçaram e rolamos com o movimento do oceano, o corpo de Capo em cima do meu. A maneira como explorou meu corpo, cada centímetro dele... seu corpo parecia adorar o meu.

Embora, como o beijo, não houvesse nada suave ou lento em nossos corpos. Era como se ambos estivéssemos nos afogando, o outro sendo a vida de que precisávamos para sobreviver, e não conseguíamos nos agarrar rápido o suficiente.

O suor cobria minha pele pelo esforço de me segurar, e meus ossos tremiam. Senti a mesma batida vindo de seu corpo, e quando entrou em mim, o navio tombou para a frente, e ele também; gritei; a intrusão tão forte quanto suave. Minhas pernas rodearam sua cintura, prendendo a sensação, enquanto ele me prendia, não me deixando me afastar dele. Mantendo-me centrada.

Em algum lugar nas profundezas da minha mente, os sons que fizemos ecoaram, assim como as batidas do meu coração, conforme me fodia como se sua vida e a minha dependessem disso. Seus movimentos imitavam os movimentos violentos e imprudentes do mar; rolava, nós rodamos; ele mergulhou, usou isso como impulso para ir ainda mais fundo dentro de mim. Mesmo que nossos corpos estivessem agitados, o prazer estava além de qualquer coisa que já havia experimentado.

Ele estava me destruindo da melhor maneira. Invadindo meu casulo, libertando-me de suas restrições, ajudando-me a me mover em direção a algo ainda mais bonito.

Vida. Com ele.

A tempestade continuou, e nós também.



CAPO

— Toc, toc.

As palavras saíram da boca da minha esposa. Estávamos andando de bicicleta pelo caminho da ilha particular e, em alguns lugares, o terreno era irregular. Foi a primeira vez em muito tempo que disse alguma coisa. Quase todo o passeio, ela cantarolava a música que tinha repetido na noite anterior, e considerei a letra. Isso é o que ela fazia. Ela parecia gostar de algumas músicas como um todo, mas repetia algumas delas para memorizar as palavras e realmente entender o significado por trás delas.

Mariposa olhou para mim por um breve segundo, e então sua bicicleta começou a balançar, e tive que segurá-la antes que caísse. Viver significava correr riscos, sujar-se e sangrar, mas se eu estivesse por perto, ela passaria pela experiência sem a cicatriz. Ela parou e eu parei. Estávamos sob a copa das árvores e, pelas frestas, pude ver o mar distante batendo na costa, ainda agitado por causa da tempestade da noite anterior. Ela estava com um vestido azul claro e sandálias bege. Ergueu a bainha do vestido, subindo até as coxas, e deixou o ar tocar suas pernas.

Ela olhou para a minha mão em sua bicicleta e então encontrou meus olhos. — Deveria dizer *quem está aí*, Capo.

— Quem está aí — disse.

Seus olhos se estreitaram, mas depois riu. — Você estragaria o *timing* de um comediante treinado. — Balançou a cabeça. — *Prática*¹.

— Prática quem.

— É para ser uma pergunta, mas... tanto faz. *Prática leva a perfeição!*

Talvez pelo olhar em meu rosto, ela suspirou. — Andando de bicicleta, Capo — disse, batendo no guidão. — Ainda preciso de um pouco de prática. *Cacto2?* Entendeu? — Balançou a cabeça. — Precisa de mais batidas até que uma o faça rir. Tio Tito me disse que você seria difícil de decifrar com uma piada. *Nonno* concordou.

— Tenho uma para você — eu disse.

Os seus olhos brilharam. — Estou pronta.

Quase sorriu com o olhar em seu rosto e a maneira como disse isso. Ela agiu como se tivesse que se agarrar a sua bicicleta para isso.

— Toc,Toc.

— Quem está aí?

Propositalmente fiz minha voz ficar mais profunda. — Quem quer que seja?

Seu rosto ficou branco, e era tão inocente que comecei a rir, o som ficando preso na minha garganta antes que tivesse que limpá-lo. Ela também estava rindo. Mais alto e mais forte do que eu. Não conseguia recuperar o fôlego. Controlou-se por um segundo, depois me olhou e recomeçou.

Ela ergueu a mão. — Estou bem — mal conseguia dizer. — Seu rosto, porém, quando disse isso... tenho que parar de pensar nisso, ou — ou... — começou a andar com sua bicicleta, propositalmente sem olhar para mim, gargalhadas escapando de seus lábios de vez em quando.

Alcansei-a com um passo ou dois e caminhamos lado a lado, a trilha larga o suficiente. A luz cortava as árvores em alguns pontos e fazia seus cabelos brilharem enquanto passávamos sob os raios.

Ela parecia saudável. Mais saudável do que já a tinha visto. Sua pele estava mais oliva do que bronzeada, e seus olhos cor de avelã brilhantes e vivos. Ela ganhou um pouco de peso, mas ainda não o

suficiente. Seus peitos e bunda balançavam, no entanto, especialmente quando batia em um solavanco forte. Era hipnótico pra caralho chamando minha atenção.

Suspirou profundamente e arriscou um olhar para mim. Sorriu; ela também sorriu, mas o sorriso caiu depois de um segundo e virou o rosto para a frente.

— Na verdade, tenho uma resposta para essa, mas é quem eu *não* queria que fosse.

— Rosaria — disse.

Rosaria era esposa de Rocco e o seu casamento era aberto. Rosaria e sua irmã estavam na casa da propriedade quando chegamos. Três homens estavam com elas. Rosaria e sua irmã eram consideradas a realza da ópera italiana e fariam um show em Atenas em dois dias. Rosaria alegou que não sabia que estávamos aproveitando a propriedade isolada por alguns dias. Rosaria mentia sempre que queria, e não dava a mínima para quem sabia. Dizia a verdade tão bem quanto mentia - sem remorso e sem pausa. Algumas pessoas mentem porque têm medo de dizer a verdade. Ela mentia porque sabia que a maioria das pessoas não iria denunciá-la. Ela gostava de jogar. E foi exatamente por isso que apareceu.

Quando pus a mão nas costas de minha mulher e comecei a encaminhá-la para a porta, Rosaria nos deteve.

— Estamos indo embora — disse. — Só paramos para conhecer o local.

Eu não era um dos *poucos* que entretinham suas besteiras. Não ficaria perto dela. Ela não estava familiarizada com os limites, mas percebeu o quanto meus limites eram traçados quando me virei para sair com minha esposa. Então cedeu - nenhuma reação era pior do que uma má para ela - e estavam se preparando para partir em seu iate particular enquanto partíamos para a trilha.

Ficamos quietos e comecei a pensar na música novamente.

— Ela olha para você — disse Mariposa. — A irmã dela também.

Levei um segundo para olhar para ela. Seu rosto estava contraído. Deve ter sentido meus olhos nela. Olhou para mim, olhou para a frente por um ou dois segundos e então encontrou meus olhos novamente. Parou e eu também.

— Não gosto disso — disse. — É tão óbvio.

— Temos um acordo — eu disse.

— *Sim* — disse, com um estalo. — Eu sei.

— Além do nosso acordo — eu disse — ela é a esposa de Rocco e não é meu tipo.

— Qual é o seu tipo?

Estendi a mão e toquei sua bochecha. Estava tão quente quanto uma chama, seja pelo clima ou por seu temperamento. — Uma criaturinha ciumenta que gosta de piadas.

Ela sorriu. — Piadas ruins?

— Coloque sua bicicleta contra a árvore — disse, apontando para uma delas.

Sem hesitar ela obedeceu, e então se virou para mim, levantando as mãos, como se dissesse... *e agora?*

Situando-me de volta na bicicleta, mantive-a com as pernas e coloquei a mão na depressão entre o guidão.

— Suba. — Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, eu disse — Já superamos a questão da *oonie*.

— Isso soa tão... nem sei, vindo da sua boca.

— Esse é o seu nome para isso.

Ela tinha nomes para quase tudo. Quem diabos sabia de onde vinham? Alguns deles estavam por aí, sem dúvida suas origens nos recessos profundos de sua imaginação.

Ela deu de ombros, seja pelo meu comentário ou pelo que fez a seguir. Era um enigma inteiramente dela. Dei-lhe a direção enquanto ela subia no guidão, com as costas e a bunda voltadas para mim.

Colocou as mãos sobre as minhas assim que se acomodou. Eu decolei e ela deu um *grito!* enquanto voávamos sob as copas das árvores.

Sua risada pareceu reverberar assim que ela relaxou um pouco.

— Solte, Mariposa — disse a ela. — Abra os braços.

Uma vez que se sentiu segura o suficiente, lentamente, hesitante no início, abriu os braços como se estivesse voando. Ela riu, mas desta vez um pouco mais baixo, quase como se fosse só pra ela. Algo para lembrar se ela já se encontrou onde estava antes. Em meio a uma batalha por sua vida.

Foi de partir o coração.

Não poderia prometer isso a ela. A vida era imprevisível, principalmente a que vivia, e o máximo que podia jurar era que ela sempre seria amparada se algo me acontecesse, no sentido monetário.

À medida que as árvores se abriam e a floresta nos cuspia, vimos Rosaria ao longe, perto de casa. Segurou o telefone na mão, apontou para nós e, quando estávamos perto o suficiente, o abaixou.

Momentos depois, Mariposa recebeu uma mensagem de texto e um enorme sorriso iluminou seu rosto quando verificou. Ela me mostrou: nós dois saindo da floresta, a borboleta diante de mim aprendendo a viver - como usar aquelas asas em crescimento.

Rosaria me acenou e eu acenei de volta. Então ela e sua irmã, junto com os três homens, embarcaram em seu iate.

— E agora, Capo? — Mariposa estava sem fôlego.

— Vista-se — disse, apontando para a casa. — Jantaremos sobre a água esta noite.



MARI

À medida que afundava na banheira, me perguntei quantas propriedades a família Fausti possuía como esta. Quantos iates, carros; quantos aviões. Não achei que fosse um grande segredo sobre iates, carros ou aviões, mas e quanto a lugares secretos como este? Tive a sensação de que o conhecimento teria um preço alto, e não na forma de dinheiro. Seus lugares provavelmente eram como todos os tesouros submersos no fundo do mar - existiam, mas o conhecimento poderia valer uma vida.

Não fazia ideia do que Capo fazia pela família Fausti, mas poderia facilmente adivinhar se queria jogar aquele jogo. Eu não.

Era fácil dizer que Capo e Rocco eram um pouco próximos, e eu realmente gostava de Rocco. Sua esposa, Rosaria? Não muito. Ela sempre foi amigável comigo, mas houve momentos em que vi julgamento em seus olhos. Como se ela estivesse nos comparando e se perguntando por que ele se casou comigo. Depois, havia a maneira como ela olhava para o meu marido. Ela o queria; e a sua irmã também.

Um fogo que nada tinha a ver com a temperatura da água queimou-me por dentro. Não estava com ciúmes de Rosaria, mas seu olhar descarado me irritou. Foi rude e fiquei aliviada quando partiram.

A foto que ela tirou fez um sorriso surgir em meu rosto, no entanto. Eu mandaria emoldurar aquela. Estava pensando onde colocá-la em nossa casa em Nova York quando a música que ouvia no iate começou a tocar novamente. Parei de esfregar a pele com a bucha

ensaboada e me inclinei um pouco para o lado.

Capo havia tomado banho e estava diante do espelho, toalha na cintura, penteando o cabelo para trás.

Um sorriso sobre o qual não tinha controle se abriu em meu rosto. Mais cedo, sua atenção parecia estar em outro lugar, e pensei que tinha a ver com Rosaria aparecendo inesperadamente, mas antes do meu banho, ele me disse algo que respondeu ao enigma depois que juntei as pistas.

— Por que alguém quereria viver para sempre? — Disse-me.

Meus dedos pararam no gancho do meu sutiã. Estava prestes a tirá-lo. Encontrei seus olhos através do espelho.

— Hum... porque a vida é tão boa que parece uma boa ideia?

— Uma boa ideia — repetiu, uma nota intrigada em sua voz.

Era como se o pensamento nunca tivesse ocorrido a ele - que alguém poderia não querer morrer, ou que aceitar a morte era tão fácil quanto aceitar o fato de que todos tínhamos que respirar para viver. Era apenas uma parte da vida. Quer dizer, eu sabia que a morte fazia parte da vida, e também nunca tinha pensado em querer viver para sempre, mas ultimamente... podia ver por que alguém iria querer isso.

— Sim — disse, removendo meu sutiã. — Talvez se encontrar algo ou alguém pelo qual valha a pena viver... por que quereria que a vida acabasse?

— A morte é inevitável — disse ele. — E viver para sempre seria cansativo. Em vez de querer viver para sempre, alguém pode considerar mais sensato morrer logo antes de quem quer que esteja vivendo. Dessa forma, não passa um segundo sem que sinta essa perda.

— O quê? — Quase não conseguiu sair. Não porque sua lógica não fizesse sentido, ou porque ele disse isso de uma forma romântica, mas a verdade me atingiu bem no coração.

Ele encolheu os ombros. — Faz mais sentido para mim.

— Tem pensado sobre isso?

Ele assentiu. — Desde que tocou a música pela primeira vez. Você gosta de entender as letras.

Ele me deixou ali, sem palavras, enquanto entrava no chuveiro. Não me ocorreu até que estava colocando água na banheira por que ele estava pensando sobre isso - a letra da música - e foi por isso que estive preocupado a maior parte do dia. Estava tentando *me* entender, entendendo a história por trás da música. Honestamente, estava apenas tentando memorizá-la.

Pisquei quando Capo disse algo para mim - ele se certificaria de que o jantar estava correto. Balancei a cabeça e o observei ir. Ele já estava vestido e cheirando a uma colônia fina que permanecia no vapor. Havia mudado a música também, para algo mais antigo, ainda mais antigo que ele - *I've Got a Crush on You*³.

Deslizei mais fundo na banheira, afundando, deixando a água lavar o dia. Parecia que estava com uma crosta de sal e, quando voltasse, pedaços dele estariam flutuando na superfície. Segurei minha respiração, mas mesmo que tenha ficado um pouco mais do que o normal, não quebraria nenhum maldito recorde tão cedo. Talvez fosse claustrofóbica porque estar embaixo da água quase me deixou em pânico, como se meus pulmões estivessem colapsando e não conseguisse recuperar o fôlego. Emergi cuspidando e tirando o cabelo do rosto. Meu peito queimou, e ofeguei.

Então meus olhos realmente se abriram e encontrei Capo encostado na parede, me observando. Antes que pudesse compreender o que estava fazendo, ele me tirou da banheira, ensopada, e me carregou para o banheiro principal. Pegou uma toalha do aquecedor de toalhas e colocou sobre mim antes de me colocar no chão.

— Não prenda a respiração quando eu não estiver por perto — disse.

Eu balancei a cabeça, sem saber o que mais dizer ou fazer. Abri

a boca para perguntar sobre o jantar, mas pegou a toalha e me puxou para ele. Nossos corpos colidiram, assim como nossos lábios, e as coisas ficaram realmente escorregadias depois disso. Não tinha certeza se o vapor nos espelhos era do banho quente ou nosso.

Ele me deixou para me lavar de novo e me disse que o jantar estava pronto há dez minutos, mas para eu tomar meu tempo para ficar pronta.

Trinta minutos depois, minha maquiagem e cabelo estavam prontos e eu estava vestida. Quando fui fazer compras em Santorini, encontrei dois vestidos. Só procurava um, para quando visitássemos Atenas, mas outro falou comigo, e não pude deixá-lo para trás.

Isso me lembrou do meu vestido de noiva, mas uma versão ousada dele. Queria chocar Capo - não com a maneira como minha mente funcionava ou com as coisas que saíam da minha boca, mas com meu corpo.

Meu vestido de noiva parecia feito de asas de borboleta, as veias correndo tão aparentes no desenho do vestido. Era algo que compartilhamos entre nós - a borboleta azul tendo significado.

Este vestido...

Passei a mão sobre ele, suspirando um pouco. Era branco e quase transparente, mas as veias da borboleta eram tão aparentes, tingidas daquele azul intenso de Santorini. As linhas eram sutis, porém, quase fazendo o vestido parecer que foi montado com pedaços de tecido macio.

Resolvi usar uma maquiagem leve, deixando meu bronzado realçar meus olhos e feições cor de avelã. Meu cabelo caiu ao meu redor em ondas de praia. Meus seios comprimidos contra o material, meus mamilos duros, embora estivesse quente, e o “V” profundo mostrava o colar de Afrodite que Capo tinha me dado. Sob as luzes suaves do banheiro, o rubi brilhava, assim como os anéis em minha mão esquerda, no dedo anelar.

O material ficou sedutor no meu corpo, e como estávamos em

um jantar descontraído em casa, resolvi largar as sandálias e andar descalça. Fui pegar meu perfume, borrifar um pouco antes de sair, mas em vez disso peguei o novo frasco. Estava lá quando peguei a loção corporal. Era de um designer de quem já tinha ouvido falar, e o frasco era tão bonito quanto o perfume. Era azul, como as águas da Sicília e da Grécia, e cheirava a cítricos, limões e laranjas, com um toque floral.

Eu me apaixonei por um perfume antes porque me fez sentir algo que não tive o luxo de sentir, *normal*. Dessa vez me apaixonei porque me fez sentir mulher. Sabia que cada vez que o usasse, isso me faria pensar em Capo e em nosso tempo na Sicília e na Grécia. Uma época que estava transformando a garota que sempre fugia da vida na mulher que a abraçava - com o inferno e tudo.

Tio Tito me disse que os aromas eram poderosos. Tinham a magia de nos trazer de volta às pessoas e lugares - quem éramos na época e como nos sentíamos. Eu sabia que sempre sentiria esse perfume e pensaria em mares frios, pele quente, sal nos lábios; nadar nua à noite sob as estrelas; caminhadas para lugares que eram ocupados apenas por flores silvestres e cabras; invadindo um casamento e dançando até que meu rosto parecesse permanentemente preso a um sorriso; *rafting* no Monte Olimpo; andar de caiaque sobre a água tão clara, a superfície parecia vidro e as profundezas pareciam um tesouro azul e verde; fazer sexo em enseadas isoladas; piratas; e comer coisas que requeriam alguma coragem, como salada de ouriço-do-mar (direto do mar) e cabrito, e o doce sabor das romãs e das sementes que vinham com elas a permanecer na minha boca...

Era como se esta garrafa e o líquido dentro dela tivessem capturado todos aqueles momentos e estivessem marcados para sempre em meus sentidos. Disse a Capo que queria levar um pouco do mar para casa para me lembrar dessa viagem e, em vez de fazer isso, ele me deu algo muito mais poderoso.

Memórias em uma garrafa.

Nunca tinha cheirado algo tão bonito na minha pele. Era leve,

mas permanecia no ar mesmo depois que eu tinha ido embora. Era mais caro do que qualquer um dos meus outros, mas isso nem importava. Era inestimável para mim por causa de como me fez sentir.

A mesma sensação que senti na igreja, quando Capo esperou por mim no dia do nosso casamento, incitou meus pés a se moverem e seguiu uma música de Frank Sinatra para fora.

Meu marido esperava por mim, observando enquanto uma mulher e um homem colocavam a mesa para nós. Um longo píer se estendia da casa - mansão? villa? - sobre a água, e uma mesa esperava no final. Sobre ela, buganvílias formavam um teto. No brilho das tochas acesas que se alinhavam no cais, as flores pareciam rosa néon contra as chamas e o sol poente.

Quando o homem e a mulher começaram a voltar para a casa, fiquei um pouco afastada. Não queria que me vissem e me denunciassem. Capo acenou para eles quando se aproximaram, acenaram de volta e então desapareceram por outra porta que levava a uma parte diferente do local.

Capo caminhou até o final do píer e olhou para a comida e depois para a água. Um minuto depois, ele se virou. Nossos olhos se encontraram e dei um pequeno aceno.

Ele me encontrou no meio do caminho e pegou meu pulso, seu nariz demorando sobre meu pulso.

— Está me cheirando, Capo — disse. Quando seus olhos se ergueram para encontrar os meus, sorriu.

— Eu inalaria você se pudesse — disse ele.

— Que fome, hein?

— Faminto. — Ele me ofereceu o braço e caminhamos juntos o restante do píer.

Não queria agradecê-lo pelo novo perfume, mas queria que ele soubesse o que significava para mim, do meu jeito.

— Os outros perfumes que me comprou foram suficientes —

disse. — Mas este... — ergui meu braço para que ele pudesse cheirar meu pulso novamente. — É... azul.

Sorrio quando o espaço entre suas sobrancelhas apertou e seus olhos se estreitaram.

— *Azul* — disse — é minha cor favorita. Isso... combina comigo.

Seus olhos percorreram meu vestido, e minha pele esquentou tanto quanto as chamas das tochas. — *Mariposa* — disse daquele jeito bonito — combina com você.

— Isso também. A borboleta... — levantei meus braços e me virei para que ele pudesse ver o vestido inteiro. — Sempre admirei as coisas que precisam lutar para encontrar a beleza da vida. As cicatrizes... — corri um dedo lentamente ao longo de uma das veias azuis claras. — Tornam as borboletas ainda mais bonitas para mim. — Então olhei para a cicatriz em seu pescoço antes de encontrar seus olhos novamente.

— Ainda tem suas asas, Mariposa?

Dei de ombros. — Não sei. Eu me sinto diferente, mas... ainda sou eu.

— Não há ninguém que eu preferiria que fosse. — Pegou minha mão e me levou até a mesa, onde puxou minha cadeira. Agradei em italiano antes de ele se sentar ao meu lado.

Era um belo cenário. Velas em vidro. Talheres com alças que pareciam de pérola. Pratos que pareciam o interior de uma concha de ostra. Ostras reais foram colocadas no gelo ao lado de Capo em um balde de prata, e a mesa estava cheia de comida que poderia comer com as mãos. Peguei uma azeitona e a examinei enquanto o som das ondas quebrando na praia se interpunha entre nós. Depois de um minuto ou dois, me virei e encontrei seus olhos. Podia senti-lo examinando meu rosto, meu perfil.

— Você me perguntou durante nosso encontro “por que eu”.

— Oh — disse quando percebi do que ele falava. — Por que me escolheu para esse... — fiz um gesto entre nós — ...arranjo?

Ele assentiu. — Eu te dei uma resposta.

E enquanto repetia suas palavras para mim naquele dia no escritório de Rocco, a lembrança veio viva em minha mente, tão brilhante quanto as flores acima de nossas cabeças na escuridão.

— Não se parece com o resto — ele disse. — Você se destaca. Poderia ser uma rainha em um trono. Uma que me sentiria privilegiado em chamar de esposa. Tem o rosto mais bonito que já vi. — Entrelaçou os dedos, me observando ainda mais intensamente, quase me estudando de uma forma que não estava acostumada: com apreciação. — O homem disse: “Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; será chamada mulher, porque do homem foi tirada”. Eu ficaria honrado em chamá-la de osso do meu osso; carne da minha carne. Minha mulher.

Ele me observou de forma diferente do que tinha então, com a mesma apreciação, mas algo mais sólido... eu era *dele*. E enquanto repetia as palavras, *osso do meu osso*, sua mão envolveu meu pulso. Quando disse *carne da minha carne*, colocou meu pulso próximo ao dele. Então colocou sobre seu coração conforme repetia *minha mulher*. Suas palavras não saíram românticas, ou com um tom melancólico. Estava falando a verdade fria e dura. Mesmo assim, aquela mesma onda de calor cresceu em mim, ameaçando me derrubar, mas não era o afogamento que me incomodava. Era saber onde estava o tesouro e esperar que sempre me levasse até lá. Era ele - os pedaços de sua vida que compartilhou comigo.

— Hoje, tenho uma resposta mais simples para você — disse ele.

Eu balancei a cabeça e resisti ao impulso de esmagar a azeitona entre meus dedos, que estava pressionado contra seu coração com meu pulso.

— Simplesmente — disse em italiano — não poderia ser mais ninguém. Foi você quem me escolheu. — Então, levando minha mão à boca, comeu minha azeitona. — Estou morrendo de fome — continuou na mesma língua. — Hora de comer.

Não tinha certeza do que o satisfizes mais - a refeição ou eu.



MARI

Sabe como dizem que todas as coisas devem chegar a um fim?

Bem, nem todo mundo diz que *todas as coisas* devem chegar a um fim. Eu tirei o “bom” disso e o tornei meu. Costumava me consolar com isso. Que as coisas - pessoas, situações, até estações - não duram para sempre. Porque significava que as coisas ruins também tinham um fim, o que significava que um novo dia significava um novo começo.

Era difícil dizer o que era mais difícil, agora que tive a chance de comparar os dois: temer o fim dos bons tempos ou esperar que os maus passassem pela manhã.

Embora Capo não tivesse mencionado quando voltaríamos para Nova York, sabia que nosso tempo na Grécia não duraria para sempre. Assim como nosso tempo na Sicília não. Mais cedo ou mais tarde, teríamos que voltar para casa.

Nova York era nossa casa, porque nossa casa era lá, mas eu hesitava em chamá-la assim. A Sicília me parecia *um lar*. Um lugar seguro para se estar. Talvez Nova York também fosse assim, já que me senti diferente depois de nosso tempo fora... mais segura em meus próprios lugares.

Olhei para os meus pés. Estava usando um par de saltos de estanho. Combinavam perfeitamente com o vestido estilo grego que comprei na Sardenha. A parte de cima era cruzada, e o que parecia ser uma corda feita de seda estava amarrada abaixo dos meus braços até a minha cintura, entrelaçada em um padrão que realçava meus seios e meus quadris. Uma longa peça drapeada ao longo do vestido, quase

tocando a bainha. O lindo tecido tinha duas fendas, uma de cada lado, até os ossos do meu quadril. Prendi meu cabelo em um coque baixo e usei uma tiara combinando.

Enquanto Capo segurava minha mão na dele, uma brisa baixa soprou no ar quente e agitou o vestido contra minhas pernas. Parecia um toque do céu. E com o homem ao meu lado em um belo terno? Era difícil manter os olhos fixos para andar.

Ele me surpreendeu com uma noite em Atenas. Disse-me para usar algo formal e sabia que esse vestido seria perfeito. Pela maneira como me observou durante o jantar, percebi que ele também pensava assim. Tinha aquele olhar faminto em seus olhos, mas não pela comida real.

Assim como os passeios de bicicleta que fizemos e a água em que nadamos, esta noite parecia perfeita, e era por isso que a ideia de voltar para Nova York poderia estar em minha mente. Estávamos na Grécia há quase um mês. Quanto tempo mais poderíamos ficar? Capo tinha negócios para administrar e não poderia fugir de suas responsabilidades para sempre. E tinha que enfrentar o que havia deixado para trás e superá-lo com essa versão de mim mesma, que ainda estava conhecendo.

Capo me perguntou se eu já tinha minhas asas. Podia senti-las nascendo, mas não tinha certeza se era algo que aconteceria tão cedo. Sim, lutei muito durante a minha vida, mas esta nova vida que recebi não me apressava para a mudança. Todos os dias, pouco a pouco, meu pedaços foram se encaixando. A transformação de lagarta espinhosa em borboleta de cetim estava levando toda a minha vida, o inferno e tudo, e me transformando na mulher que estava me tornando.

Olhando para o homem que nos conduzia pelas ruas, não senti pressão dele, mas uma oferta do lugar perfeito para fazer a mudança. Um lugar seguro.

Ele.

Lar.

— Está quieta — disse casualmente, mas seus olhos continham uma pergunta: *O que está acontecendo dentro de sua cabeça?*

Dei de ombros. — Ótimo jantar. Estou cheia.

— Satisfeita — disse.

— Sim — sussurrei e apertei sua mão.

Apertei ainda mais forte quando nos fundimos em um grupo de pessoas vestidas de forma semelhante para a noite. Tinha ouvido falar sobre este lugar. *Odeon de Herodes Atticus*. Um teatro de pedra externo que datava de 161 D.C. Era um declive acentuado, quase como uma tigela com laterais altas. Mais além, a cidade de Atenas brilhava, enquanto as montanhas ao longe criavam sombras escarpadas. Nunca tinha ido a um lugar com tanta história. Não só podia tocá-lo, mas sentia o cheiro no ar. Corria pela minha corrente sanguínea como um estalo de eletricidade. Seja pela longa história ou pela antecipação do que estava por vir, não tinha muita certeza.

— Um espetáculo? — Disse enquanto nos sentávamos.

Ele assentiu. — A Ópera Nacional Grega está apresentando *Carmen*⁴.

Nunca tinha ido a algo assim antes e fiquei confortável, esperando o espetáculo começar. Capo se acomodou ao meu lado, e o mundo inteiro parecia tão certo. Além do nosso casamento, esta foi apenas a segunda vez na minha vida que desejei poder viver um momento para o resto da minha vida, como se desejasse levar algo deste lugar que me lembrasse dos bons momentos que tivemos. Que me lembrasse que estava vivendo, e enquanto vivia sem me preocupar com o amanhã, estava me transformando em... mim.

Durante uma pausa na apresentação, o telefone de Capo tocou. Pelo que parece - Rocco. Capo teve que tapar o ouvido para ouvir os sons que pareciam ecoar pelo estádio.

Mais ou menos um minuto depois, se tanto, Capo encerrou a ligação e mordeu o lábio inferior. Com ele, a paixão e a raiva estavam intimamente relacionadas. Só rolava os dentes sobre o lábio inferior

quando me queria ou quando estava chateado.

— Algo errado?

Não olhou para mim, apenas olhou para os atores voltando ao palco - voltaram para seus papéis. “*Boo, bam, boo*”.

Eu o encarei até que encontrou meus olhos.

— Partimos esta noite, Mariposa.

— Por que?

— Um dos meus prédios em Nova York explodiu.

Essa frase concluiu nosso tempo na Grécia.

Estaríamos de volta a Nova York, de volta à realidade, no dia seguinte.

Voltando ao lugar que considerei um campo de batalha - seria capaz de manter as asas que mal começava a crescer ou as perderia antes de poder senti-las?

No momento, não parecia importar. Peguei a mão de Capo, respirei fundo e assenti.

Todas as coisas devem chegar a um fim.

Fim...

Notas

[←1]

-No original ela diz “Cacto”, mas não existe nenhuma palavra em português que possa ser substituída para dar sentido a piada. Substituímos por “prática”, mas o diálogo deles é cacto.

[←2]

-Trata-se de uma piada entre eles.

[←3]

-Composição de 1928, apresentada em duas produções da Broadway. Considerada um padrão do jazz, principalmente do repertório vocal, graças a gravações como: Frank Sinatra, Sarah Vaughan e Ella Fitzgerald.

[←4]

-É uma ópera de quatro atos do compositor francês Georges Bizet, baseado no romance homônimo de Prosper Mérimée. Estreou em 1875, no Opera Comunique de Paris.